

Carta Pastoral

# Acolher e Cuidar

Dom Frei Severino Clasen, OFM  
Arcebispo Metropolitano de Maringá

2ª edição

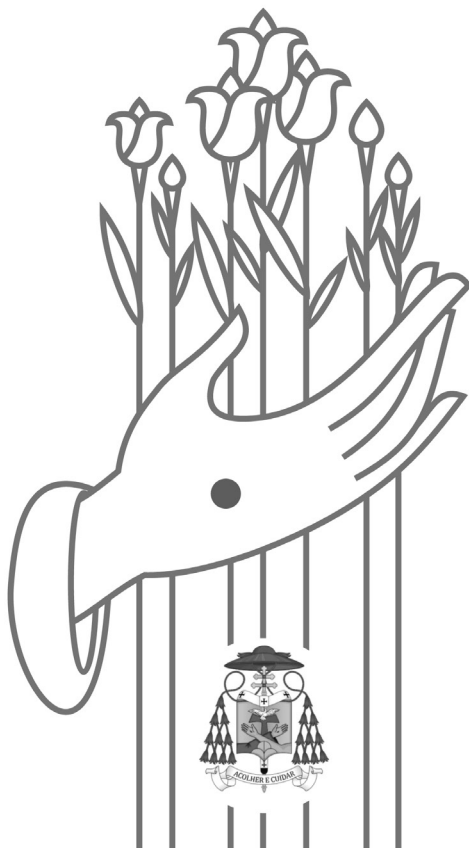


# Carta Pastoral

# Acolher e Cuidar

Dom Frei Severino Clasen, OFM

Arcebispo Metropolitano de Maringá



(2. ed.)  
Maringá  
2021

Copyright © 2021 para Dom Severino Clasen, OFM

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, do autor. Todos os direitos reservados desta segunda edição 2021 para o autor.

Texto revisado segundo o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

**Capa**

Diácono Anselmo José Frugério

**Revisão**

Cônego Benedito Vieira Telles

**Colaboradores**

Pe. Marcos Roberto Almeida dos Santos

Carlos Alexandre Venancio

Michele Cristina Tieni

**Produção Editorial**

Sinergia Casa Editorial

**Impressão**

Gráfica Massoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) /  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

---

230 CLASEN, Severino  
CARTA PASTORAL: Acolher e Cuidar - 2.ed. / Dom Frei Severino Clasen,  
OFM – Maringá: Sinergia Casa Editorial, 2021.  
160 p., 12,5 x 18cm.

ISBN 978-65-87030-39-5 (impresso)  
ISBN 978-65-87030-40-1 (e-book)

1. Cristianismo. 2. Acolhimento. 3. Cuidado. 4. Carta Pastoral. II. Título.

CDD 22 ed. 380.098162

---

*“Aprendeí dos lírios  
do campo, como crescem”*

*Mt 6,28a*

# SUMÁRIO

Apresentação .....	9
Introdução .....	14

## 1ª Parte

### A IGREJA QUE ENCONTREI EM MARINGÁ

Quais são as percepções nesta Igreja Particular? .....	18
O clero é o retrato do seu Bispo .....	28
A missão do Bispo .....	33

## 2ª Parte

### A IGREJA QUE EU CREIO

Minha história, minha fé .....	39
Do grande centro da capital de São Paulo para o centro do Vale do Jequitinhonha - MG .....	42
Nesse processo surge um outro desafio: Caçador - SC .....	44
Eis agora o meu novo desafio: acolher e cuidar em Maringá - PR .....	46
Papa Francisco, o grande incentivador de uma Igreja em saída .....	48

Cristãos leigos e leigas, sujeitos eclesiais de uma Igreja em saída .....	52
--	----

### **3ª Parte**

## **A IGREJA QUE EU SONHO PARA MARINGÁ**

As dores que aniquilam a vocação humana à santidade .....	60
A missão da Igreja .....	63
Em diálogo com a sociedade .....	63

## **UMA IGREJA SINODAL**

### **REORGANIZAR A AÇÃO EVANGELIZADORA A PARTIR DA SINODALIDADE**

Fortalecer as estruturas que favorecem a sinodalidade ....	67
1. Dimensões do ser e agir da Igreja .....	71
1.1 <i>A Dimensão da Comunhão Missionária:</i>	
<i>ser Igreja em saída .....</i>	71
1.1.1 <i>Qual é a essência e os novos lugares                 para a missão da Igreja? .....</i>	75
1.2 <i>Dimensão Sociotransformadora: a         Igreja servidora da vida .....</i>	80
1.3 <i>Dimensão do Diálogo Igreja e         sociedade: ouvir, respeitar e conviver .....</i>	91

2. Realidades e temas da	
Ação Evangelizadora .....	95
2.1 Família .....	95
2.2 Juventudes .....	104
2.3 Comunicação .....	124
2.4 Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades .....	129
3. Iniciação à Vida Cristã e	
Formação Permanente .....	137
3.1 A Iniciação à Vida Cristã .....	138
3.2 A Formação Sistemática e Permanente .....	141
4. Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB):	
um organismo da Vida Consagrada .....	147
Conclusão .....	154
Bibliografia .....	159



# APRESENTAÇÃO

“Como um pai ao redor de sua mesa, revelando seus planos de amor”. Este verso, de uma antiga canção de autoria do frei Luiz Turra, ajuda-nos a ver na Bíblia a imagem de um Deus interessado na humanidade e compartilhando seus sonhos conosco. Com simplicidade, ela nos faz acolher a Bíblia como uma carta de amor de um Deus Pai a seus filhos e filhas.

Podemos emprestar essa bela imagem para apresentar a Carta Pastoral de Dom Frei Severino Clasen ao Povo de Deus da Arquidiocese de Maringá. Pois, cabe bem a Dom Severino a imagem do pai interessado por seus filhos e filhas, com muitos sonhos e projetos gestados no amor; que tendo se feito discípulo do Reino dos Céus, “sabe tirar de seu [e do nosso] tesouro coisas novas e velhas” (cf. Mt 13,52) e oferecê-las para enriquecer, alimentar e iluminar a nossa vida em Cristo.

É o que encontraremos na sua Carta Pastoral. Na verdade, começaremos a encontrar, visto que esta carta é um início de conversa. Nela temos as inspirações que são frutos de seus primeiros contatos, do seu “tatear” neste ano como nosso Pastor.

É verdade que o contexto da pandemia, ocasionada

pela Covid-19, criou sérias limitações no modo de conhecer a sua nova realidade pastoral. Impediu que Dom Severino se colocasse ao redor de muitas mesas, da Eucaristia ou das casas; impediu de estar com o povo de Deus como ele gosta e como sente necessidade de estar, é seu estilo.

Este contexto, porém, não impediu que o nosso pastor percebesse a força de nossa fé, a firmeza de nossa esperança e o agir criativo de nossa caridade. A primeira parte da Carta Pastoral é a manifestação de confiança e entusiasmo com a caminhada da Arquidiocese de Maringá, do reconhecimento da qualidade de nosso povo e de nossas lideranças eclesiais – clero, laicato e consagrados.

Percepções e experiências que desafiam a ir “ao seu tesouro”, para fortalecer as suas convicções de discípulo e pastor. Para isso, revisita as raízes e a caminhada de fé, de consagração e de serviço ao povo de Deus.

A segunda parte da Carta é a partilha de suas memórias e convicções sobre a Igreja. Encontraremos nesta parte o menino que cresceu em uma família fervorosa e firme na fé, inspirada e cultivada com Maria no Santo Terço e aprofundada na pequena comunidade do Indaiá, município de Petrolândia, SC -; o adolescente que se encantou com a maneira de São Francisco de Assis seguir Jesus e, nessa espiritualidade, enriqueceu sua fé; o consagrado e o presbítero rodando o vasto chão do sul e sudeste brasileiro, a sua

Província Franciscana, servindo na animação vocacional, nas paróquias catarinenses ou no Centro de São Paulo, com espírito fraterno e com muita responsabilidade, com sensibilidade aos pobres e confiança nos colaboradores, com prática de oração constante, especialmente no Santo Rosário diário, no seu amor e devoção a Maria, – vivências que ajudaram a amadurecer na sua vida o saber “acolher e cuidar”.

Também nesta segunda parte, encontraremos o Bispo que acolhe o desafio de pastorear as Igrejas, cuidando do Povo de Deus, primeiro no Vale do Jetti-quinonha (MG) e, depois, no meio oeste catarinense. O seu ministério episcopal é marcado pelo espírito de colegialidade com as Conferências dos Bispos dos Regionais e do Brasil. Experiência intensa de colegialidade foi servir como Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para Laicato da CNBB. Por quase uma década percorreu as dioceses do Brasil, reuniu-se com estudiosos e lideranças das comunidades refletindo a missão dos cristãos leigos e leigas como sujeitos eclesiais: “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,14).

Experiências que, iluminadas e confirmadas pelo pontificado do Papa Francisco, ajudaram a consolidar o compromisso com uma Igreja toda ministerial, em saída missionária, com espírito sinodal, envolvendo e responsabilizando os organismos do Povo de Deus, no serviço, no diálogo com todos os setores da sociedade, para anunciar Jesus Cristo e seu Reino de amor, justiça e paz.

Sãos essas as convicções de Dom Frei Severino para a Igreja. Convicções que estão na base do sonho do nosso Bispo para a Arquidiocese. Caminhos e indicações deste sonho estão presentes na terceira parte da Carta Pastoral.

Nesta parte Dom Severino apresenta-nos caminhos de fortalecimento da sinodalidade da nossa ação evangelizadora. Partindo das três dimensões do ser e agir eclesial, o Bispo compartilha preocupações e indicações a respeito de temas e realidades que abrangem a nossa vida eclesial: família, juventude, comunicação, movimentos eclesiais e novas comunidades, iniciação à vida cristã e formação sistemática dos discípulos missionários de Jesus Cristo.

Fica-nos claro que o Bispo não pretende dar a última palavra sobre estes temas e realidades, mas quer nos dar uma direção, fazer-nos uma provocação, envolver-nos na construção destes caminhos. Está abrindo o diálogo, deseja uma ampla e variada resposta das nossas lideranças. A partir destas respostas, atentos ao que o Espírito Santo diz à Igreja, vamos caminhar para a Assembleia Arquidiocesana para definirmos, em sinodalidade, nossos planos e projetos da ação evangelizadora para os próximos anos.

Agora é o momento de acolhida da Carta Pastoral de Dom Frei Severino Clasen. Sentarmos com ele ao redor da mesa e conhecermos seus planos de amor para nossa Igreja. Que haja muitas mesas de conversas e espaços de partilha para estabelecermos

caminhos rumo a uma Igreja cada vez mais sinodal e servidora do Reino e da vida.

Pe. Genivaldo Ubinge  
*Coordenador da Ação Evangelizadora  
da Arquidiocese de Maringá - PR*

# INTRODUÇÃO

*“Aprendeis dos lírios do campo,  
como crescem” (Mt 6,28a)*

1. O lírio é uma flor, mesmo vivendo em meio ao lamaçal, apresenta uma beleza pura e encantadora que induz os nossos olhos a contemplar a manifestação da beleza de Deus na criação. Estamos atravessando um tempo difícil e, especialmente, em tempos difíceis é preciso saber reconhecer os sinais da presença de Deus no mundo.

2. Recentemente o Santo Padre Papa Francisco confiou-me o pastoreio da Arquidiocese de Maringá (PR). Antes de estar aqui com vocês eu vivi experiências de pastoreio em duas Dioceses – Araçuaí (MG), de 2005 a 2011 e Caçador (SC), de 2011 a 2020. No momento em que recebi o anúncio da nova missão, estávamos aprendendo um novo ritmo de vida, mais apropriado aos tempos da pandemia provocada pela Covid-19, que tem levado milhões de pessoas a óbito. O Papa me enviou para esta região e aqui continuo a aprender a ser pastor para corresponder aos desafios atuais. Não é possível, em tempos de tantas

inovações, da riqueza extraordinária que as novas tecnologias, a ciência, a modernidade trouxeram para a humanidade, constatemos que na área humana estamos atrasados, até mesmo em débito.

3. Acolhi o pedido do Papa Francisco para ser o quinto bispo desta Igreja Particular com espírito aberto, com entusiasmo. Deixar um rebanho e servir a outro é seguir os passos do Mestre de Nazaré que ia de cidade em cidade anunciando o Reino com liberdade, desprendimento e eficácia. Aceitando a vontade de Deus, entregando-me à missão entre os desafios do tempo presente, manifesto ao clero, aos religiosos e religiosas, aos cristãos leigos e leigas a alegria de seguir Jesus Cristo, pobre, humilde e crucificado. N'Ele está a razão de nossa vida, a certeza da nossa fé e de nossa esperança.

4. Também quero construir aqui uma Igreja cada vez mais assembleia do povo de Deus, coordenada pelo Bispo e seu Presbitério em espírito de sinodalidade, onde o amado povo de Deus sinta que o Reino está acontecendo nas terras do noroeste do Paraná. Com alegria e esperança uno-me a vocês, meus diocesanos, para seguir Jesus Cristo, anunciar o seu Reino de paz, de amor e de justiça, certo de que o Espírito Santo nos conduzirá na animação, na promoção da fé e da esperança.

5. Esta carta que escrevi para vocês busca traçar as linhas mestras necessárias para conduzir e animar a evangelização da Arquidiocese de Maringá. Além disso, ela me oferece uma ocasião para me apresentar e dar a conhecer minha trajetória de vida, meus sonhos, minhas expectativas para a Arquidiocese. Esta carta não é um programa fechado, isolado ou único; pelo contrário, é um abrir de portas, um jeito de traçar os rumos, uma provocação a buscarmos novas formas e dinâmicas para anunciar Jesus Cristo. Esta carta também não é um Plano de Pastoral, pois, seu intuito é apenas um desejo, um modo de ser do pastor para conduzir seu rebanho, estar perto das ovelhas, ouvir seus interlocutores, apresentando o Mestre da Galileia que advertiu: “quero a misericórdia e não sacrificios” (Mt 9,13).

6. Minha linha mestra será anunciar Jesus Cristo pobre, humilde e crucificado; ser discípulo, seguidor de Jesus de Nazaré. E a partir do pobre, na atitude de humildade, superar as dores e os sofrimentos do mundo atual pela cruz de Cristo.

7. Inspirado pelo Sermão da Montanha (Mt 5-7), em que Jesus anuncia o plano do Reino de Deus, vamos trilhar caminhos marcados com o sofrimento causado pela pandemia. Escrevo esta carta na certeza de cultivar flores como os lírios do campo, de que podemos vislumbrar dias vindouros com sinais



perceptíveis de que o Reino de Deus está acontecendo nas terras do Paraná.

8. A “alegria do Evangelho enche o coração, a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”<sup>1</sup>. Convicto, manifesto a minha alegria de anunciar o Jesus da Galileia ao querido povo da Arquidiocese de Maringá. Com o estilo de uma Igreja em saída, conforme nos pede o Papa Francisco, enraizado no Concílio Ecumênico Vaticano II, a Igreja em Maringá celebra a fé atenta às dores e às esperanças das pessoas do nosso tempo. E a desafiadora arte de acolher e cuidar, vivida diariamente pelo clero, pelos religiosos e religiosas, pelos cristãos leigos e leigas, nos possibilita caminhar juntos rumo à Jerusalém Celeste.

---

1 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 1.

# 1ª PARTE

## A IGREJA QUE ENCONTREI EM MARINGÁ

### **Quais são as minhas percepções sobre esta Igreja Particular?**

9. A índole de um povo se torna perceptível pela capacidade de acolher e cuidar dos seus semelhantes. A fé é fruto de uma consciência humana capaz de olhar além. A busca do mistério, deixando-se conduzir pela espiritualidade que liberta e transcende, nos desinstala e gera desenvolvimento social, humano e espiritual com afeto e ternura. Buscando Jesus Cristo no dia a dia, as pessoas crescem em maturidade humana e cristã. “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-Lo dia a dia sem cessar”.<sup>2</sup>

---

2 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 3.

10. Um povo iniciado na fé pura e simples conserva no coração um modo de ser, de agir, de sentir capaz de sensibilizar-se com os sofrimentos da humanidade.

11. Estou numa região muito nova, marcada por uma cultura oriunda do interior de São Paulo, de Minas Gerais, e do Nordeste, dentre outros lugares do Brasil e do mundo. Muitas pessoas foram atraídas para cá no período áureo do café. Maringá e região são, desde o início, a terra de sonhos, das superações e do trabalho.

12. Juntamente com os migrantes, Deus colocou à frente desse povo de muita fé e de sonhos, um pastor proveniente do interior paulista: Dom Jaime Luiz Coelho. Ele foi homem de espírito empreendedor, com visão de futuro e ousadia. Dom Jaime, com sua personalidade decisiva, foi intérprete da realidade e comandou os rumos do desenvolvimento em muitas áreas na região. Basta mencionar seu nome, em diversos segmentos, diante de pessoas revestidas de uma paixão pelas cidades na Arquidiocese, que inúmeras histórias aparecem e afirmam seu desempenho e firmeza no pastoreio das ovelhas deste aprisco.

13. No início, a pujança das terras férteis, cultivadas também com a utilização de maquinários de alto alcance, abrigou empreendedores na busca da riqueza e desenvolvimento agrícola. Hoje, “o urgente

desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado”.<sup>3</sup>

14. Ao chegar em Maringá em 2020, para dar início ao pastoreio nesta Igreja Particular, encontrei lideranças humildes e acolhedoras, de diversas condições econômicas e culturais, apaixonadas e abertas para uma Igreja em saída, conforme nos fala o Papa Francisco na Alegria do Evangelho.

15. Encontrei aqui um clero simples, cheio de amor à Igreja, com capacidade de refletir sobre as questões do nosso tempo, aberto para discussões e debates de constante revisão e avaliação sobre a atuação profética de uma Igreja não acomodada, mas construtiva e de mangas arregaçadas na construção do Reino de Deus.

16. Também encontrei na Arquidiocese diversas experiências religiosas, diversos carismas que se complementam na implantação do Reino. A diversidade de carismas é uma riqueza e indica a ação do Espírito Santo. Porém, também percebi algumas práticas

---

3 FRANCISCO, *Laudato Si*, 13.

intimistas, desconectadas da comunhão eclesial na Igreja Particular, algo que, infelizmente, é cada vez mais recorrente nos tempos atuais.

17. A presença dos Movimentos, algumas novas Comunidades, das Pastorais que se organizam, rezam, refletem, agem com bom senso e teimosia na implantação do Reino da unidade, da fraternidade e da solidariedade, movida por uma espiritualidade libertadora revelam duas forças evangelizadoras. Como Igreja Particular, precisamos crescer no cuidado, no acolhimento da comunhão, na solidariedade fraterna, para continuar avançando na ação evangelizadora.

18. Fiquei muito feliz em saber que a Arquidiocese tem o costume de elaborar planos de pastoral desde o início dos anos 1970, no impulso da renovação do Concílio Vaticano II. Isso foi muito importante para a construção e a consolidação da identidade eclesial diocesana. Temas como juventude, família, MECEs (Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística), CEBs (Comunidade Eclesial de Base), catequese, são recorrentes nestes planos e indicam íntima sintonia com a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e a Santa Sé. Percebi que houve comprometimento das Paróquias, das Pastorais e dos Movimentos, além de leigos, religiosos(as), diáconos e padres, na elaboração e realização das Assembleias Diocesanas e, posteriormente, na aplicação e avaliação das

prioridades estabelecidas para cada período. Tudo isso ajuda a ver como a Igreja de Maringá entende o que é evangelizar. Realmente, esta deve ser a ação evangelizadora que norteará o futuro plano de pastoral, na grande ação evangelizadora da Igreja Arquidiocesana de Maringá.

19. Encanta-me ver as cidades arborizadas com bosques, praças, jardins, ruas ornamentadas, o cuidado com a preservação dos riachos. A cidade de Maringá é assim: particularmente, planejada e atenta à sua expansão urbana, que oferece – na medida do possível – qualidade de vida, pistas de caminhada, espaços e equipamentos públicos para atividades físicas, de lazer etc. A consciência ecológica precisa, cada vez mais, intensificar-se em práticas de contenção e preservação do meio ambiente. Cuidar da vida é muito mais que cuidar do próprio corpo, pois também inclui a natureza. “Se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana: toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais”.<sup>4</sup>

20. A Igreja acompanha o desenvolvimento da cidade e participa dela com intuito de colaborar na construção de uma cidade para todos, sem segregação,

---

4 FRANCISCO, *Laudato Si*, 142.

discriminação e privilégios. A Arquidiocese de Maringá é respeitada, ouvida e chamada para fazer parte do diálogo com as diversas instituições locais, porque sua história e seu testemunho demonstram envolvimento e comprometimento com o bem comum da sociedade. Isso acontece nas questões gerais de maior interesse como, por exemplo, no diálogo sobre a pandemia da Covid-19 e as novas medidas sanitárias, nos diálogos para a construção do plano diretor, a criação do conselho do migrante, o acompanhamento e gerenciamento do plano de resíduos sólidos.

21. A Arquidiocese também tem relevância nas questões mais específicas, geograficamente, localizadas, como a participação dos cristãos leigos e leigas das paróquias para a resolução dos problemas dos bairros e na construção de sua própria história. Quando surge um bairro novo, lá está a Igreja na fundação e estruturação daquele pequeno agrupamento social, na preocupação de formar uma nova comunidade eclesial. Desse modo, a vida de um bairro é também a vida de uma paróquia. Ambos caminham juntos.

22. A Arquidiocese não se limita à cidade de Maringá, pois compreende também outras cidades da região. Em sua grande maioria, as pequenas cidades da região foram fundadas no período da colonização do noroeste paranaense, eram pujantes no período de ouro do café, foram marcadas pelo êxodo rural com a

crise do ciclo cafeeiro no final dos anos de 1970, mas ainda hoje possuem uma importante atividade agrícola e conservam os valores do campo. Mas isso não difere também naquelas cidades que cresceram, rapidamente, nas últimas décadas, acolhendo pessoas de outras regiões em busca de melhores condições de vida. Maringá recebeu muitas dessas pessoas e também é digno de nota o crescimento urbano de cidades como Sarandi, Paiçandu, Marialva, Mandaguari, Mandaguaçu e Nova Esperança que receberam grandes contingentes imigratórios, desafiam a Igreja na evangelização e promoção do bem comum.

23. A ação evangelizadora tem seu valor intrínseco, na visão global e universal, acolhendo todas as pessoas de todas as raças e culturas religiosas. Como o Papa Francisco, de braços abertos, “lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós”.<sup>5</sup>

24. Esse jeito humano do clero, somado ao olhar atento dos cristãos leigos e leigas nas pastorais, tendo sempre na retaguarda os religiosos e religiosas na área da saúde e da educação, promove a comunicação

---

5 FRANCISCO, *Laudato Si*, 14.



da caridade, vitaliza a vida eclesial na Arquidiocese de Maringá. É uma alegria para mim tomar conhecimento de que tantos leigos e leigas abraçam a evangelização como resultado de sua consciência batismal, dedicando parte de suas vidas para a edificação do Reino nesta Arquidiocese.

25. Em todas as ações evangelizadoras contamos com boa qualificação de cristãos leigos e leigas assumindo seu papel nessa missão. Por isso, creio que os leigos não são cristãos secundários, ou meros espectadores da vida cristã. Afinal, cada fiel é incorporado à comunidade cristã através do batismo, onde com os ministros ordenados formam o povo santo de Deus. É assim que os percebo nesta Igreja Particular:

1. Contamos com cristãos leigos e padres em Guajará-Mirim (RO), onde a Arquidiocese tem uma missão permanente;
2. Cristãos leigos e leigas com espírito missionário além-fronteiras. Embora sejam poucos, mas experiências preciosas de pessoas daqui que estão trabalhando na África (Guiné-Bissau);
3. Muitas paróquias fazem experiências missionárias interparoquiais, visitando umas às outras, conhecendo a realidade e animando a evangelização. Este trabalho organizado pelo COMIDI (Conselho Missionário Diocesano) é um indicativo para impulsionar a ação

missionária desta Igreja Particular;

4. Nas paróquias existem iniciativas missionárias de leigos e leigas que visitam as famílias do seu território paroquial, convidando-as para conhecer e participar da comunidade de fé;
5. O Conselho Arquidiocesano de Leigos e Leigas quer ser instrumento de revitalização, fortalecimento e atuação dos leigos na vida da Igreja Arquidiocesana. Com sua atuação na animação das pastorais nas paróquias é um avanço significativo nesta Igreja Particular. A vida sacramental dos leigos é fortalecida pela sua tomada de consciência como membro ativo da Igreja, que olha para a vida, integra o ser humano, defende o fragilizado e cria perspectivas na comunidade, na sociedade. O rosto dos cristãos leigos e leigas sinaliza a conduta do clero que o bispo educa e forma.

26. Também me chamou a atenção, ao chegar nesta Arquidiocese, o protagonismo das mulheres. Deparei-me com várias lideranças nos cargos públicos e nas Pastorais, Movimentos, Serviços intraeclesiais e cargos de administração de escolas católicas ocupados por elas. São mulheres corajosas, ousadas, inovadoras e articuladas que agem com empatia, como mães amorosas, ao mesmo tempo, disciplinadoras, que têm

como inspiração o exemplo de Maria, seguindo com fidelidade o discipulado de Jesus. Essa importante e positiva abertura para uma maior participação das mulheres em cargos de liderança representa uma demanda interna que vem crescendo cada dia mais na Igreja Católica.

27. É preciso mencionar que sem a vida consagrada a Igreja de Maringá não seria o que é hoje. É visível a presença das Congregações femininas e masculinas nas atividades missionárias realizadas. Desde o início da diocese sempre houve a presença dos religiosos que assumiram nossas paróquias num verdadeiro espírito missionário. Hoje, com o crescimento do clero diocesano, elevamos a Deus a nossa gratidão aos religiosos que ajudaram a semear a fé neste chão.

28. Muitas dessas congregações ainda permanecem na diocese, com outras iniciativas pastorais, sobretudo na área da educação, no cuidado da saúde, na promoção humana, e no mundo da comunicação. Obedientes ao mandato do Senhor, a Vida Consagrada busca atuar em comunhão com a Igreja local, dando testemunho do Ressuscitado conforme os seus diversos carismas. A essas congregações devemos o devido respeito, reconhecimento pelo seu serviço à Igreja.

## O clero é o retrato do seu bispo

29. A nossa igreja catedral não é somente o símbolo da cidade de Maringá, mas também de toda a Arquidiocese. O estilo moderno da sua arquitetura aponta para a imensidão do céu, fomenta a espiritualidade da esperança, que estava encarnada na sensibilidade de Dom Jaime Luiz Coelho. A catedral convida-nos a olhar para frente, para o alto, para o infinito de Deus.

30. Dom Jaime, “num lance de rara felicidade” concebeu “na era dos *sputniks*, uma catedral diferente de todas. De linhas nunca antes traçadas, desde a estrutura externa visível, projeta-se como franco convite ao desprendimento das realidades terrestres para direcionar o coração humano à glória no céu, ao qual foi assumida, em corpo e alma, a padroeira Nossa Senhora da Glória”<sup>6</sup>. Esta postura e personalidade definida, exigente, educou e preparou um clero que fosse o seu braço forte na implantação de um jeito de ser Igreja. Uma Igreja que aponta o infinito, que tem as raízes no solo desta terra fecunda.

31. A Arquidiocese conta com um número expressivo de padres jovens. Homens preparados para ser o rosto de Igreja Particular ao querer apresentar Jesus

---

6 ROBLES, Orivaldo. *A Igreja que brotou da mata*, p. 161.

Cristo neste mundo em que se constata não somente a perda do sentido do sagrado, também da espiritualidade libertadora comprometida com vida do povo.

32. Vejo os padres com a responsabilidade de verdadeiros pastores ao conduzir a porção do Povo de Deus, que lhes foi confiada em suas paróquias. Nestes tempos de pandemia pude sentir o sofrimento dos padres diante do agravamento da Covid-19, desafiados a encontrar novos meios para atender as necessidades sacramentais e pastorais de nossas comunidades. A criatividade e inovação de muitos padres superaram as barreiras do isolamento social e da imprescindibilidade de fechar, ocasionalmente, as igrejas para a celebração presencial, renovando assim práticas sacramentais e atividades pastorais.

33. Nosso clero tem consciência de unidade diocesana e tem compromisso com a ação evangelizadora. É verdade que são homens muito diferentes um dos outros, gerações que se contrapõem uma à outra, projetos eclesiológicos que divergem em alguns pontos, mas geralmente prevalece a unidade diocesana, o compromisso com a evangelização. Quero ser cada vez mais presente na vida dos padres, visitando-os em suas casas, rezando juntos, animando-os no serviço pastoral da Igreja arquidiocesana.

34. Percebo ainda um clero preocupado com a

conjuntura social, política e eclesial, atento aos problemas que afligem o nosso povo. Padres conscientes de que a fé nos impulsiona na luta pela justiça e pelo bem comum, pois sabem que o Reino de Deus, que será pleno apenas no céu, já começa aqui entre nós. Saber refletir sobre os problemas atuais é uma exigência para anunciar Jesus Cristo, sem se deixar conduzir por ilusões, ideologias e manipulações próprias dos nossos tempos.

35. Um clero presente nos Conselhos Municipais da saúde, da educação, do desenvolvimento social, de geração de renda, na busca da moradia, atendo aos problemas sociais nos respectivos municípios. Presente ainda nos mutirões de arrecadação emergencial de alimentação. Empenhado em educar para o cuidado, a prevenção, a disciplina, a higienização e a segurança, instruindo a seguir as orientações sanitárias em tempos de pandemia.

36. Com experiência viva na participação do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), Dom Jaime abriu as janelas das casas, formou um clero agregador, com olhar para os cristãos leigos e leigas como protagonistas de uma Igreja em saída, viva e inquieta. Um clero bem formado em áreas diversas, sempre em busca de aperfeiçoamento, no intuito de contribuir de maneira mais positiva e pontual nas demandas da Igreja conforme as necessidades atuais.

37. O futuro da Arquidiocese de Maringá também passa pelos Seminários, como um espaço de discernimento e formação de jovens vocacionados à vida presbiteral. Os seminaristas são chamados a ter o rosto da diocesaneidade de nossa Igreja Particular, configurando-se a Cristo-Pastor em união com o Arcebispo Metropolitano, com o clero. Portanto, todo seminarista deve concentrar sua energia na espiritualidade cristã, na formação humano-afetiva, no conhecimento intelectual, na vivência comunitária e pastoral como um prelúdio do ministério presbiteral.

38. Aos queridos jovens tenho uma palavra de esperança: não tenham medo de responder “sim” ao chamado de Deus. Os jovens são chamados do meio do povo para serem pastores e enviados para servir esse mesmo povo do qual fazem parte, a partir do ministério ordenado. Sejam generosos em responder “sim” ao convite do Senhor.

39. Aos estimados formadores de nossos seminários desejo perseverança: o testemunho de vida eclesial e a fidelidade a Jesus Cristo de formador em nossos Seminários. Toda a Igreja Arquidiocesana é responsável pela formação de nossos seminaristas, que, comumente, abrange as etapas do Propedêutico, Discipulado (Filosofia) e Configuração (Teologia). Sejam, todos, formadores de nossos seminaristas.

40. Destacamos a presença dos diáconos permanentes em nossas comunidades, que exercem este frutuoso ministério a serviço da Palavra, da Caridade e da Liturgia. O ministério do diácono é muito importante, abre um leque de possibilidades no âmbito pastoral e da evangelização na totalidade. Servir, ser testemunha de Cristo com os olhos fixos nos que mais necessitam, estando abertos aos pobres e aos que sofrem, injetando ânimo aos desanimados, eis as possibilidades que devem ser aproveitadas para o serviço e testemunho dos diáconos na ação evangelizadora na Arquidiocese de Maringá.

41. Recordamos com alegria o grande número de vocacionados em nossa Escola Diaconal: A oração e a inserção na comunidade de fé em comunhão com a Arquidiocese é um critério de discernimento que cada candidato deve ter presente em sua caminhada vocacional.

42. Sem uma formação adequada e a busca contínua do conhecimento, estacionamos e permanecemos fragilizados na condução, na animação do povo de Deus no mundo, individualista e secularista. Por isso, exorto a todos nós, presbíteros, diáconos e bispo, a aprofundarmos nossa vocação em retiros, cursos, encontros e boas leituras, valorizando ainda mais os momentos de espiritualidade e formação permanente do clero.



43. Não percamos de vista o ensino do Concílio Vaticano II, que enfatizou a importância da harmonia entre o pastor e seu presbitério: “todos os presbíteros, quer diocesanos, quer religiosos, compartilham e exercem com o bispo o sacerdócio único de Cristo; estão, pois, constituídos úteis cooperadores da Ordem episcopal”.<sup>7</sup>

### **A missão do Bispo**

44. Um corpo bem ordenado é dotado de percepção, de sensibilidade, de visão, de conhecimento e de clareza. A isso se acrescenta a necessidade de um comando adequado. Assim como respirar um pouco de ar puro nos revigora – do mesmo modo quando nos apresentamos para a missão com as forças e as capacidades que temos –, isso oxigena a vida da Igreja que nos conduz aos prados e campinas verdejantes. Neste contexto, a evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos entre todas as nações, batizai-os em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo. Ensinai-os a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28,19-20).

45. A missão do bispo é animar, conduzir o clero, os fiéis por essa vereda na dimensão fraterna, de

---

7 CONCÍLIO VATICANO II, *Christus Dominus*, 28.

forma simples, objetiva. Sob o olhar do Bom Pastor, os bispos se tornam os primeiros responsáveis a olhar, afagar e guiar todos os batizados na mesma direção. Precisamos de ar puro para viver. Abrir as janelas das casas e das Igrejas fará entrar o sopro do Espírito Santo. Com essa força iluminadora e renovadora, os corações sentirão a presença do Ressuscitado, renovando a face da terra.

46. A carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Armand Ouellet, P.S.S., Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina é um indicativo do modo como o Bispo deve guiar a Igreja, presentemente. Aponto cinco tópicos da carta que julgo indispensáveis para a missão do Bispo no seu múnus de governar:

1. “É para o Santo Povo fiel de Deus que como pastores somos continuamente convidados a olhar, proteger, acompanhar, apoiar e servir. Um pai não se compreende a si mesmo sem os seus filhos.
2. Olhar continuamente para o Povo de Deus salva-nos de certos nominalismos declarativos (slogan) que são frases bonitas, mas não conseguem apoiar a vida das nossas comunidades. Por exemplo, recordo a famosa frase: ‘Chegou a hora dos leigos’, mas parece que o relógio parou.
3. A nossa primeira e fundamental consagração

afunda as suas raízes no nosso batismo. Ninguém foi batizado sacerdote nem bispo. Batizaram-nos leigos e é o sinal indelével que jamais poderá ser cancelado. Faz-nos bem recordar que a Igreja não é uma elite de sacerdotes, consagrados, bispos, mas que todos formamos o Santo Povo fiel de Deus.

4. Somos, como frisou o Concílio Vaticano II, o Povo de Deus, cuja identidade é ‘a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo’ (Lumen Gentium, 9). O Santo Povo fiel de Deus foi ungido com a graça do Espírito Santo e, portanto, no momento de refletir, pensar, avaliar, discernir, devemos estar muito atentos a esta unção.
5. Ao mesmo tempo, devo acrescentar outro elemento que considero fruto de um modo errado de viver a eclesiologia proposta pelo Vaticano II. Não podemos refletir sobre o tema do laicato, ignorando uma das maiores deformações que a América Latina deve enfrentar — para a qual peço que dirijais uma atenção particular — o clericalismo”.<sup>8</sup>

47. Na obediência filial, temos nesta carta do

---

8 FRANCISCO, *Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet* (Vaticano, 19 mar. 2016).

Santo Padre a orientação para o episcopado latino-americano. Que o Espírito Santo ilumine o nosso jeito de agir para trazermos o rebanho para ainda mais perto do coração de Jesus na Arquidiocese de Maringá.

48. Uma história foi construída pelos meus antecessores. Agora é hora de dar continuidade a essa história atento às exigências do mundo atual. A evangelização conta com as raízes implantadas pelos pastores anteriores, cada um do seu jeito. Todos implantaram sinais fecundos com a participação dos batizados na construção da Igreja viva, com ardor missionário e olhar terno para os mais pobres e necessitados.

49. O meu antecessor imediato, Dom Anuar Battisti, pastoreou esta Igreja Particular, desde 2004. É uma pessoa acessível e de coração generoso. Homem zeloso pelas vocações diocesanas e ao diaconato permanente, grande incentivador do ecumenismo e do diálogo interreligioso (traços característicos da sua espiritualidade). Ele fez destas qualidades sua marca para a Igreja de Maringá. Com a sua renúncia, Dom Frei João Mamede Filho, bispo de Umuarama, ocupou o sólio arquidiocesano na condição de administrador apostólico.

50. A sucessão apostólica desta arquidiocese também conta com o cardeal Dom João Braz de Aviz

(2002-2004) e com Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger (1997-2002), que deram continuidade ao longo governo episcopal de Dom Jaime Luiz Coelho (1957-1997), o primeiro bispo que deixou seu legado, marcou a trajetória histórica desta jovem Igreja de 64 anos de fundação.

51. Em 15 de agosto de 2020 foi colocado sobre os meus ombros o mandato apostólico para dar continuidade à missão de pastoreio, guiando esta Igreja pelos caminhos do Senhor. Considerando minhas fraquezas e limites no exercício de tão árduo ministério, peço ao Espírito Santo que me dê o discernimento e a força necessária para levar adiante essa importante missão, fiel a Cristo Jesus e obediente ao Papa Francisco. Conto com a colaboração de todos e todas, de modo que façamos aqui a experiência de uma Igreja sinodal, onde reine a diversidade de ministérios na consciência de que somos todos irmãos e irmãs no batismo.

52. Neste propósito de caminhar juntos – bispo, padres, diáconos, religiosos e religiosas, leigos e leigas –, temos o desejo de pastorear, proteger, conduzir, administrar todas as frentes em vista do anúncio do Reino de Deus, de otimizar as potencialidades numa visão comum de Igreja que ama, perdoa e serve. Espero que o exercício da comunhão eclesial, de caminhar juntos, nos identifique no jeito sinodal de agir e

testemunhar, fazendo de todos nós sujeitos diretos na evangelização. Eis a meta, o desejo e as orientações para o nosso episcopado nesta arquidiocese.

# 2ª PARTE

## A IGREJA QUE EU CREIO

### **Minha história, minha fé**

53. Para aceitar a missão de conduzir a Igreja numa Diocese existem pressupostos de fé, um compromisso de fidelidade, de disposição, de abertura de coração para conduzir e amar a Igreja confiada. Antes de falar desta Igreja que creio, peço licença a vocês para que eu partilhe minhas memórias e minha história de fé.

54. Sou membro de uma família que vive intensamente a vida eclesial, herança que recebemos dos nossos avós paternos e maternos. Somos sete filhos de Irineu e Joana Petry Clasen. Os três primeiros filhos optaram pela vida Consagrada, à Vida Religiosa: a Nivalda e a Teobaldina ingressaram na Congregação das Irmãs Franciscanas de São José; eu ingressei na Ordem dos Frades Menores. O Alvercino, a Gema, o Dionísio e a Cirene constituíram família. A vivência eclesial, a meditação diária do Terço e a tradição da oração antes e depois das refeições foram grande

escola de fé e de vida de Igreja sob o símbolo dos apóstolos.

55. Cresci no meio do ambiente religioso promovido pelos Frades Menores da Província Franciscana da Imaculada Conceição, com sede em São Paulo, e desde criança manifestei o desejo de ser padre.

56. A história da vida de São Francisco de Assis me cativou para ser franciscano. O testemunho de devoção dos frades menores que visitavam a minha comunidade eclesial, seu acolhimento, sua convivência fraterna e amiga junto às famílias, seu zelo pelos pobres e mais sofridos, tudo isso me atraiu para seguir a forma de vida de São Francisco de Assis. Ingressei nesse caminho com 14 anos no Seminário São Francisco de Assis, em Ituporanga (SC). Caminhei na vida religiosa, exerci o ministério presbiteral na normalidade, com simplicidade, sem perder a tradição recebida da família. O jeito simples, humilde e fraterno é minha maneira de buscar ser filho de Deus.

57. Os primeiros 6 anos de vida religiosa sacerdotal, vividos em Concórdia e Porto União (SC), enriqueceram-me a vida religiosa com o trato, o cuidado simples e contínuo com a vida pastoral. Em 1989 fui transferido para o convento do Largo São Francisco, no centro de São Paulo. Ali dediquei 12 anos à Pastoral Vocacional. Nosso grupo de trabalho era uma



equipe de boa convivência fraterna, com olhar empreendedor e lucidez na evangelização. Assim, contribuímos para o enriquecimento de muitas vocações franciscanas na Província e para além dela, pois, o trabalho vocacional é aberto para outras Congregações, Dioceses e Províncias.

58. Nossa marca era o trabalho através de equipes nas paróquias, comunidades e colégios. Essas equipes apresentavam aos jovens em busca de discernimento vocacional a proposta de um acompanhamento equilibrado. Com isso foi possível colher bons frutos e ver a chegada de novos membros para a família franciscana. Além do acompanhamento, do discernimento vocacional e do envolvimento dos cristãos leigos e leigas, fomentamos uma grande família de benfeitores para o sustento das vocações. A oração constante pelas vocações e pelos benfeitores fortaleceu, fez crescer a grande família franciscana espalhada em todo o Brasil.

59. O fortalecimento da Província Franciscana com novas vocações indicava que chegara a hora de eu mudar de atividade. Desse modo, assumi a vida pastoral e o cuidado dos fiéis numa paróquia no centro de São Paulo. Eis o desafio: animar a evangelização no centro da maior metrópole da América Latina. A experiência de animar e conduzir a paróquia santuário no Largo de São Francisco foi uma árdua tarefa, mas

enriquece quem a assume. Os tempos eram exigentes e os desafios de uma grande metrópole, maiores ainda. Era preciso ter muita sensibilidade para o acolhimento e encaminhamento das mais diversas questões tanto de foro interno, quanto externo, na dimensão sacramental e dimensão social, no cuidado do grande número de pedintes, dos pobres, dos abandonados, dos sofridos sem comida, sem casa e sem dignidade. A isso somou-se a coordenação das pastorais da Região Episcopal Sé da Arquidiocese de São Paulo. E tudo me enriqueceu para assumir o pastoreio de uma Diocese.

### **Do grande centro da capital de São Paulo para o centro do Vale do Jequitinhonha - MG**

60. O primeiro desafio de ser missionário é ir para onde for enviado. Mas deixar tudo, ir e assumir a missão em nome d'Aquele que envia, também é sinal de docilidade ao Espírito Santo. Eu vivi uma experiência de rompimento cultural, uma mudança radical de costumes, ao sair da tensão do centro de grande cidade com sua própria cultura, sua tradição religiosa, seus desafios econômicos e sociais. Ao chegar ao Vale do Jequitinhonha deparei-me com muitas dificuldades e desafios para serem enfrentados. O primeiro deles era aprender a ser bispo. Vivi um novo choque de realidade, fui tateando para conhecer o jeito de ser do clero, dos cristãos leigos e leigas dessas terras “estranhas” e

tão diferentes dos outros ambientes que eu já conhecia e vivera. Tudo isso fez com que eu passasse por uma metamorfose para então conseguir entrar nessa cultura diferenciada, deixando o centro urbano para entrar na vida rural do povo do semiárido mineiro, e poder anunciar a Boa Nova. Com o tempo consegui entrar na alma do povo religioso, da tradição mineira, daqueles costumes diferentes. E como agradava ao meu espírito ver a sensibilidade de coração do clero simples, cuja maioria absoluta era oriunda dali mesmo, conhecer aquele povo de grande tradição religiosa com suas procissões, seus cultos, seus costumes tradicionais e seus grandes costumes de herança africana.

61. Mas não era só isso. Também era preciso formar o clero e superar a precariedade na área social, buscar a transformação econômica e a sustentação. Enfrentar essas dificuldades e superar a dependência dos recursos estrangeiros exigiu muito esforço na administração da Diocese de Araçuaí.

62. Misteriosamente a necessidade estimula a criatividade e a busca de formas alternativas para superação das carências. No nosso caso, a implantação do dízimo surgiu como a grande possibilidade para enfrentar essa lacuna na manutenção das atividades pastorais.

63. Meus seis anos em terras do nordeste de

Minas Gerais também foram marcados pela simpatia do povo, que tem muitos dons no campo da arte, da música, da poesia, do teatro e do artesanato. Eu me lembro do seu encanto e da sua alegria de estar junto, apesar da pobreza e das secas prolongadas.

64. Com o tempo e com boa vontade as pessoas foram adquirindo as condições para avançar em vários projetos conjugando o trabalho, a evangelização, o culto, a busca de melhores oportunidades na vida. Novas perspectivas apareciam a cada instante, a partir de novos projetos de pastorais, de atendimento social e busca da geração de trabalho. O fortalecimento da Cáritas Diocesana com atenção especial na coleta de água possibilitou a construção das cisternas e a educação para o manejo e utilização da água em terras semiáridas. O atendimento às comunidades eclesiais e a valorização das tradições religiosas me deram grande alegria ao pastorear aquele rebanho do Senhor.

### **Nesse processo surge um outro desafio: Caçador - SC**

65. Em 2011 fui transferido da Diocese de Araçuai (MG) para a Diocese de Caçador (SC). Assim tive a oportunidade de retornar para a minha cultura originária em Santa Catarina. As terras do meio oeste

catarinense são marcadas pela tradição da agricultura familiar, pela exploração da indústria madeireira, pelo cultivo de frutas como uva, maçã, ameixa e frutas cítricas, pela produção aviária e suína sustentada pelos imigrantes italianos, alemães, poloneses e também pelos povos originários.

66. Dentre as 10 Dioceses de Santa Catarina, fui desafiado a congregar, animar e conduzir um clero machucado por tristes acontecimentos da vida eclesial e um povo que estava sedento de um pastor simples na forma de agir e rezar, e desejoso de avançar no planejamento pastoral.

67. Sem dúvida, tanto na Diocese de Caçador quanto em Araçuaí, encontrei lindas experiências no campo das pastorais e da ação evangelizadora. Inúmeras iniciativas no âmbito da catequese, da liturgia e da pastoral social com a integração de atividades no tecido da sociedade marcado por necessidades e carências.

68. Durante os nove anos em Caçador aprendi, com muita satisfação, a amar o clero e a apaixonar-me pelo querido povo de Deus.

69. As Assembleias do Povo de Deus, a busca de integração e de unidade, a experiência fraterna entre o clero nos levou a um patamar da alegria e satisfação.

70. Quando iríamos retomar experiência das origens da Iniciação à Vida Cristã, restabelecendo a ordem original da celebração dos sacramentos, isto é, Batismo – Crisma – Eucaristia, fomos não apenas momentaneamente impedidos, mas também enclausurados em nossas casas e afastados uns dos outros devido ao início da pandemia provocada pela Covid-19.

71. A nós fez viver uma experiência dramática. No meio da escuridão, fomos tateando para descobrir um jeito de evangelizar sem sair de casa, com celebrações e reuniões remotas. Em meio a tudo isso veio o surpreendente convite para deixar tudo e partir mais uma vez para outras terras para coordenar o clero e o povo de Deus. Deixar um povo querido e um clero amado, partir para a Arquidiocese de Maringá (PR). Eis a última coisa que o Espírito Santo aprontou na minha vida.

### **Eis agora o meu novo desafio: acolher e cuidar em Maringá - PR**

72. Cheguei a Maringá trazendo na bagagem uma experiência de Igreja animada pela Conferência dos Bispos do Brasil, porque por dois mandatos presidi a Comissão Episcopal de Pastoral para o Laicato da CNBB, de 2011 a 2018.

73. Fora oito anos de idas e vindas de Santa Catarina à Brasília, adquirindo conhecimentos sobre as características da Igreja nesta nação continental. Estar mais próximo de cada uma das nossas 276 dioceses e demais circunscrições eclesiais é um privilégio, em vista da atuação e da riqueza da Igreja no Brasil.

74. A dimensão fraterna entre os Bispos é visível na organização das 12 Comissões Episcopais de Pastoral para a Igreja no Brasil. Os presidentes das Comissões se reúnem mensalmente para fortalecer a colegialidade da Igreja no Brasil em suas inúmeras atividades, serviços e ações de evangelização.

75. O distanciamento e o isolamento social, exigidos durante a pandemia, têm-nos impedido de fazer avançar como gostaríamos na ação evangelizadora em Maringá, mas o caminho está aberto e sinais positivos se manifestam a cada instante. Vejo haver um desejo de ser Igreja no coração do clero e do laicato, e também percebo que a Vida Consagrada se sente estimulada para ajudar.

76. Gradualmente estou conhecendo esta Igreja e percebendo suas potencialidades. Dialogo com os padres, os diáconos, os religiosos e os leigos, para juntos podermos dar passos seguros e respondermos aos desafios que se apresentam diante de nós. O processo

de escuta e diálogo é imprescindível para mim como pastor, pois quero trilhar um caminho eclesial em comunhão com aqueles que me precederam na história da Igreja de Maringá. Percebo que as forças vivas da Arquidiocese convergem para uma mesma meta traçada em seu plano de pastoral. E isso me faz responsável por continuar este caminho de discernimento e planejamento pastoral para o nosso próximo plano de evangelização. Desta forma, anseio darmos início, quanto antes, ao processo de uma Assembleia Arquidiocesana, para projetarmos nossa ação evangelizadora dos próximos anos em que serei o pastor desta Igreja.

## **Papa Francisco, o grande incentivador de uma Igreja em saída**

77. O pontificado do Papa Francisco vem ao encontro do estilo de Igreja que temos neste noroeste do Paraná.

78. Refiro-me a uma Igreja com chave missionária e aberta às necessidades do povo de Deus, que olha em primeiro lugar para a vida das pessoas e em seguida evangeliza, ensina, apresenta a beleza e a riqueza dos sacramentos como alimento, como colunas que sustentam nosso modo de crer em Jesus Cristo. Nesse sentido, a parábola do Bom Samaritano é o



ícone bíblico do modo de ser Igreja na Arquidiocese de Maringá.

79. Olhemos com sensibilidade a Igreja de portas abertas, enriquecida pelas exortações apostólicas do Papa Francisco que orientam o nosso modo de ser, de transformar e de avançar como Igreja, povo a caminho, rumo à implantação do Reino de Deus no mundo.

80. O meu lema episcopal “*Acolher e Cuidar*” é uma bússola norteadora e abre perspectivas para fortalecer uma Igreja que já é vibrante, que tem sinais de vitalidade, mas que precisa dar passos ao encontro das exigências do mundo atual. “Acolher e cuidar” é a mística que a todos envolve, para nos inclinarmos diante dos necessitados e servi-los como o Mestre fez na última Ceia com o Lava-pés de seus discípulos.

81. Não temamos trilhar essas veredas para termos um clero amável, responsável e simples que ama a Igreja e é amado pelo povo de Deus. Assim, com ousadia, juntos - Bispos, Padres, Diáconos, Religiosos e Religiosas, Cristãos leigos e leigas – edificaremos uma Igreja missionária e sinodal, para curar as dolorosas feridas provocadas pelo mundo pós-moderno. A sociedade atual dá muito valor ao financeiro, há uma grande fome e sede do lucro, muitas vezes ilícito, explorador e repressor. Tudo isso tem consequências negativas e destrói a dignidade e a viabilidade de uma

sociedade justa e fraterna.

82. Embora existam tantas oportunidades e facilidades da vida moderna na Arquidiocese de Maringá, não nos esqueçamos de que sofremos as consequências nefastas do neoliberalismo. Entre nós também há desempregados, famílias carentes, migrantes, casos de violência, homicídios e feminicídios, vítimas do racismo e de diversas outras formas de preconceito. “O neoliberalismo se reproduz sempre igual a si mesmo, recorrendo à mágica teoria do ‘derrame’ ou do ‘gotejamento’ – sem nomeá-la – como única via para resolver os problemas sociais”.<sup>9</sup>

83. A ação social transformadora bem-organizada através da Cáritas em Maringá abre horizontes de esperança, pois reúne diversas experiências de intervenção social com o propósito de transformar realidades de mortes em realidades de vida. Percebo uma rede de ações sociais aqui em Maringá, algumas no âmbito do atendimento às necessidades básicas da dignidade da pessoa humana, outras com igual vitalidade, buscando a consciência crítica e criando estruturas sociais de inclusão e cidadania.

84. Pensando nos próximos anos, a formação do clero com consciência e vida eclesial para agir

---

9 FRANCISCO, *Fratelli Tutti*, 168.

segundo a sua missão, unida à redescoberta da identidade e da vocação dos cristãos leigos e leigas como sujeitos eclesiais e protagonistas no mundo social, nos enche de esperança, de gosto e prazer de estar junto e pastorear esse querido e amado rebanho. Agora podemos oferecer apenas alguns indicativos, pois construiremos juntos, em comunhão fraterna, respeitando as mais diversas instâncias, descobrindo o quanto é bela essa Igreja.

85. Não pretendo trazer muitas novidades, mas degustar, acolher, sentir e perceber possibilidades, para juntos construirmos as estruturas de evangelização em que ninguém seja esquecido ou ignorado. Fugamos do espírito intimista, egoísta e sacramentalista, que não se importa com as dores e necessidades dos mais pobres, dos sofridos e esquecidos da sociedade.

86. Para avançar em todas as frentes de missão já percebemos: as dimensões específicas e os setores comuns precisam organizar-se entre si. Temos muitas pessoas altamente preparadas para pensar, animar, convocar e conduzir processos em espírito de colegialidade, caminhando em comunhão em vista da fraternidade universal. Vamos colocar os pés no chão e seguimos avançando na busca de caminhos mais viáveis, testemunhar Jesus Cristo na vida do povo, na opção preferencial pelos pobres, oferecendo a Boa

Nova para todas as pessoas de boa vontade.

## **Cristãos leigos e leigas, sujeitos eclesiais de uma Igreja em saída**

87. Os cristãos leigos e leigas são uma bênção para a Igreja e para o mundo. O objetivo e a razão de ser Igreja é fazer com que cada pessoa passe a viver da vida de Jesus Cristo com a graça do Batismo.

88. A origem da vida eclesial está na graça do Batismo, sendo a porta de entrada da Igreja. O Concílio Ecumênico Vaticano II dedicou especial atenção ao papel dos cristãos leigos e leigas na Igreja, na sociedade. “Por leigos entende-se aqui o conjunto dos fiéis, com exceção daqueles que receberam uma ordem sacra ou abraçaram o estado religioso aprovado pela Igreja, isto é, os fiéis que, por haverem sido incorporados em Cristo pelo batismo e constituídos em povo de Deus, e por participarem a seu modo do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, realizam na Igreja e no mundo, na parte que lhe compete, a missão de todo o povo cristão”<sup>10</sup>. Os cristãos leigos e leigas não são meros destinatários de uma ação na Igreja, mas verdadeiros sujeitos eclesiais. Cabe-lhes a missão nobre de ser protagonistas de uma igreja missionária,

---

10 CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 31.

dinâmica e positiva, testemunhando Jesus Cristo ressuscitado na vida em família e no mundo do trabalho. É, portanto, “uno o povo eleito de Deus: ‘Um só Senhor, uma só fé, um só batismo’ (Ef 4,5); comum é dignidade dos membros pela sua regeneração em Cristo, comum graça de filhos, comum a vocação à perfeição; uma só a salvação, uma só a esperança e a unidade sem divisão”.<sup>11</sup>

89. Encontramos um grande número de cristãos leigos e leigas conscientes de sua missão e atuando com responsabilidade nas comunidades paroquiais. O sentimento de pertença e de corresponsabilidade na animação da vida eclesial pode ser constatado nas várias atividades desenvolvidas pelos fiéis que assumindo as coordenações nas pastorais e movimentos, impactam na dinâmica geradora de processos de justiça. Esses fiéis são testemunhas de Jesus Cristo e fermento na massa. Além de exercerem o ministério de coordenação nas mais diversas frentes de atividades pastorais e movimentos, são dinâmicos no mundo da comunicação, da catequese, da busca do conhecimento e desenvolvem processos de anúncio do Cristo ressuscitado, sempre mais abertos para uma Iniciação à Vida Cristã de estilo catecumenal. Sua docilidade e obediência às normas da Igreja são indicadores de um maduro sentimento de pertença.

---

11 CNBB, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade* - documento 105, 108.

90. No corpo eclesial também existem situações que exigem maior atenção e cuidado, geralmente provocadas por membros ainda não devidamente formados e amadurecidos eclesialmente. São pessoas exageradas, intimistas e puritanas que destoam na convivência harmoniosa na Igreja Particular. Ha situações que, a exemplo dos discípulos de Emaús, necessitam de maior esclarecimento durante o caminhar. Por isso, é preciso deixar o mestre caminhar junto e descobrir que a clareza e a objetividade próprias da economia da salvação vão se afirmando ao longo do caminho, confirmando o jeito de ser igreja na Arquidiocese de Maringá. Somos o que ensinaram, o que aprendemos, o que seguimos, o que sonhamos e queremos.

91. Vejo com bons olhos a atuação dos cristãos leigos e leigas nessas terras do Paraná. Evidentemente, seria oportuna uma formação mais atualizada para superar certos vícios que foram se manifestando ao longo da caminhada eclesial. Mas juntos – laicato, vida consagrada e clero – trilhando o caminho da sinodalidade, chegaremos à meta almejada, juntos descobriremos que Jesus caminha conosco e com ele faremos a ceia do banquete que nos une, nos fortalece e nos compromete com o Reino da justiça, do amor e da paz.

92. O grande desafio está na sintonia entre a Igreja e a sociedade. Hoje, para conhecer a Igreja é

preciso conhecer também a sociedade em que ela está inserida. Precisamos entrar no tecido da sociedade com uma visão objetiva, mas sem tendências ideológicas. Esta visão objetiva, crítica e amadurecida na fé, ajudará a evitar os subornos, a manipulação e a escravidão do povo. Sem essa clareza faremos como as pessoas que estavam em Jerusalém: no Domingo de Ramos acolheram Jesus com aplausos e festa, poucos dias depois pediram a sua condenação, deixando-se conduzir por forças ocultas. Essas mesmas forças ocultas agem ainda hoje e são destruidoras da verdadeira liberdade social e eclesial.

93. A Igreja no Brasil tem uma oportuna oferta para integrar, otimizar e envolver o laicato na vida eclesial e na sociedade. Ainda entraremos nesse espaço, onde o laicato é chamado a ser “sal e luz” na Igreja, também na sociedade. Fiéis ao Evangelho, conscientes da sua missão eclesial, os cristãos leigos e leigas são chamados a testemunhar a vida cristã na vida social, no mundo da família, do trabalho, do estudo, do esporte, das comunicações, da política, das associações, das cooperativas, da economia e das forças produtivas, para protagonizarem a construção de um mundo novo.

94. É verdade que o laicato olha com brilho, com doce entusiasmo e obediência para a hierarquia da Igreja. Eu tenho uma percepção objetiva disso e fico

entusiasmado vendo esses olhos sedentos de espiritualidade, querendo beber cada vez mais das verdadeiras fontes da vida eclesial e, assim, terem a força para darem conta da missão na sociedade. A sociedade atual necessita de mais braços abertos, de pessoas que transbordem uma espiritualidade libertadora e comprometida na construção de relações mais maleáveis, para superar o negacionismo, o ódio e as amarras perversas da destruição. O mundo espera ser convertido e transformado pela luz do Evangelho e cabe aos membros da Igreja dinamizar todo o tecido social.

95. No espírito sinodal, imitando o modo de agir do mestre de Nazaré, vamos descobrir que a força do Evangelho vai fazer fermentar o bom senso para que a alegria do Evangelho chegue a todos os cantos da Arquidiocese de Maringá, com sua força renovadora. Vamos caminhar comprometidos com a verdade, dialogando sinceramente, com as outras religiões que vivem a mesma fé e tem a mesma esperança de salvação que nós temos, para juntos criarmos uma sociedade mais solidária. A arte do verdadeiro ecumenismo fortalece o ser cristão.

96. Sintamo-nos encorajados para construir as tramas que envolvem o espírito acolhedor, fortalecendo as relações familiares, os novos caminhos para uma juventude mais crítica e aberta a realidade, que saiba superar o devocionismo e o intimismo religioso e



buscar o verdadeiro conhecimento, para descobrir em seus dons e suas capacidades novas oportunidades para ações transformadoras. O exemplo a ser seguido é aquele do Bom Samaritano que olha, para, acolhe, recolhe, paga, oferece nova oportunidade de vida ao homem machucado que foi deixado à beira da estrada.

97. Não formemos um laicato acomodado, estacionado, subserviente ou acanhado. As oportunidades para a formação, para a ação e para o testemunho são imensuráveis. Mas para que essas relações indicadas por Jesus de Nazaré sejam construídas é preciso ter uma grande proximidade entre o clero e o laicato.

# 3ª PARTE

## A IGREJA QUE EU SONHO PARA MARINGÁ

98. “Manifestei o teu nome aos que, do mundo, me deste. Eram teus, e a mim os deste, e eles guardaram a tua palavra” (Jo 17,6).

99. Jesus, preparando-se para a sua despedida do mundo, ora ao Pai pelos que creem n’Ele. Eis a grande missão, levar todas as pessoas de boa vontade para o seio do Pai, através do Filho, pela força do Espírito Santo.

100. Vivemos de esperança em esperança, alimentando a fé com o ardor do Evangelho. A Sagrada Escritura nos orienta para preencher as lacunas existenciais, buscar o verdadeiro sentido da vida na felicidade eterna junto de Deus.

101. Deus Pai conferiu à Igreja os dons do Espírito Santo, para que o mundo seja santificado. A arte do cuidado é a veste e o manto que nos envolve na vida

terrena, pois “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.<sup>12</sup>

102. A Arquidiocese de Maringá também vive experiências marcadas por dores e por alegrias. “Aprendei dos lírios do campo, como crescem” (Mt 6,28a): é com esta naturalidade que somos chamados para anunciar a alegria do Evangelho nos ambientes “onde vivemos, nos movemos e existimos” (cf. At 17, 28). A simplicidade, o vigor, a confiança em Deus que dá o crescimento nos une a Cristo e guiados por Ele seguimos na missão. E fazemos isso assumindo as decisões do Concílio Ecumênico Vaticano II, levando a sério as Conferências Latino-americanas e Caribenhas, as decisões da CNBB para a Igreja no Brasil, as orientações do Regional Sul 2 para a Igreja no Paraná. Considerando tudo isso queremos vivenciar em espírito sinodal a Igreja Povo de Deus na Arquidiocese de Maringá. Essa direção aponta para uma Igreja toda ministerial com uma Igreja-serviço para buscar o “Reino de Deus e sua justiça” (Mt 6,36).

---

12 CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 1.

## **As dores que aniquilam a vocação humana à santidade**

103. Vivemos em tempos nebulosos marcados pelo sofrimento, pelo imediatismo e pela perda do sentido da vida. Os sintomas de uma sociedade doente que obstrui nossa vocação à santidade se manifestam no fundamentalismo, no obscurantismo religioso, na negação da ciência, no desprezo pela ecologia e na negação ao diálogo.

104. Os diversos documentos do Papa Francisco apontam para uma Igreja ministerial e de portas abertas para que o oxigênio da verdadeira evangelização possa circular e fortalecer a missão da Igreja no mundo, fazendo acontecer os sinais do Reino de Deus.

105. Os desafios devem ser tratados com espírito fraterno e discernidos sob a inspiração divina. Talvez um dos maiores desafios que temos hoje seja a superação do fundamentalismo e da intolerância religiosa.

106. O que os Padres Conciliares observavam entre os anos de 1962-1965, hoje está estampado nas vitrines da sociedade e da nossa Igreja, ou seja, o sectarismo político-religioso gera dor, tristezas, incompreensão e descrédito, colocando em perigo e esvaziando as instituições sérias que tentam construir a unidade, a fraternidade, a solidariedade humana.

107. Somos chamados a anunciar nossas alegrias e esperanças ao mundo de hoje através de atitudes de benevolência que manifestem Jesus de Nazaré a todas as pessoas. Não queremos inventar outro mundo, muito menos fugir deste mundo. Esse nos foi dado e a este anunciamos que Jesus Reina e está vivo no meio de nós.

108. Neste primeiro ano de pastoreio na Arquidiocese de Maringá vi coisas verdadeiramente bonitas no campo da evangelização. Temos experiências de fé maravilhosas e belas iniciativas que manifestam o rosto de uma Igreja que se esforça em viver o Evangelho, apesar dos muitos desafios que se impõem. Formamos uma Arquidiocese com potencial de avançar ainda mais no anúncio do Reino de Deus, na transformação das relações de injustiças a partir da consciência comunitária de um Povo, que pertence a Deus, caminha sinodalmente amparado pela força do Evangelho segundo o projeto de Deus.

109. A primeira impressão que tive da Igreja de Maringá maturara em mim a compreensão de que, embora esta Igreja seja muito jovem, com apenas 64 anos, ela já se apresenta madura na fé, com uma identidade eclesial consolidada a partir da pastoralidade do Concílio Vaticano II. Vejo que sua ação evangelizadora busca responder cotidianamente, aos desafios que se impõem à transmissão da fé.

110. A ideia de sinodalidade a qual eu tanto me refiro, pode ser ilustrada com a imagem de uma árvore. A semente que está na origem de uma árvore frondosa é a Palavra de Deus, que acolhida na fé faz nascer a Igreja. As raízes dão sustentação ao tronco, que espalha seus ramos produzindo folhas, flores e frutos saborosos. Nesse caso, a raiz é o próprio Cristo, o tronco é a Igreja e os ramos com folhas, flores e frutos são as pastorais, os movimentos e os serviços eclesiais, isto é, o operar cotidiano da ação evangelizadora, com suas características próprias e seus carismas. Porém, do mesmo modo que os ramos não têm uma vida, independentemente do tronco, assim também as pastorais e movimentos não têm uma vida independente, pois estão unidas ao tronco que caracteriza a Igreja Particular, a Arquidiocese.

111. Sendo assim, esta Carta Pastoral quer ser o lançamento de um desafio para abraçarmos o caminho de sinodalidade rumo à Assembleia dos organismos do Povo de Deus, que num futuro próximo construiremos oportunamente, para otimizar, ordenar e fortalecer nossa caminhada pastoral e atualizar o Plano Pastoral de Evangelização. Impulsionados pela força do Espírito Santo, partimos decididamente para anunciar o Reino da justiça, na certeza de que é Deus quem nos conduz, como outrora conduziu o povo de Israel à terra prometida. Afinal, nós também somos o Povo de Deus, como ensina o Apóstolo São Pedro:

“Que outrora não o era, mas agora é o povo de Deus”  
(1Pd 2,9-10).

## **A missão da Igreja**

112. A essência da Igreja é ser o corpo místico de Cristo, a comunidade dos filhos de Deus formada com a humanidade redimida no amor pela força da Santíssima Trindade. As orientações do Papa Francisco, que seguimos com amor e determinação, são um grande auxílio para fortalecer no mundo a Igreja-comunhão e participação, de portas abertas para acolher os que estão do lado de fora, pois repropõe com simplicidade o que foi definido pelo Concílio Ecumênico Vaticano II. “A Igreja, enviada por Cristo a manifestar e a comunicar a todos os homens e povos a caridade de Deus, reconhece que tem de levar a cabo uma ingente obra missionária”<sup>13</sup>. Como a árvore oferece a seiva da vida para os seus ramos, fortaleçamos na animação eclesial a seiva do amor que nos une e nos liberta, para produzir frutos de justiça em defesa da vida.

## **Em diálogo com a sociedade**

113. A Igreja de portas abertas indica uma

---

13 CONCÍLIO VATICANO II, *Ad Gentes*, 10.

comunidade que se propõe a “construir pontes em vez de muros”, que abre a mente e sensibiliza o coração, para o encontro com todas as pessoas, inclusive com o diferente. Assim se expressou o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar dia a dia sem cessar”.<sup>14</sup>

114. A Igreja não existe para estar fechada em si mesma, mas para anunciar o Cristo vivo e ressuscitado que, peregrinando neste mundo, testemunhou o seu projeto de vida e salvação. Por isso, uma Igreja fechada, egocêntrica, indisposta com o mundo e sem diálogo com a sociedade se transforma numa instituição vazia da alteridade e da misericórdia do Senhor. A Igreja está no mundo, mas não se deixa levar pelas coisas deste mundo (cf. Jo 17,14-16), porque nossa missão é seguir o Cristo, pregando sua Palavra de salvação e transformando as relações sociais onde vivemos.

115. A eficácia da evangelização está na sua capacidade de diálogo com o mundo e na força do anúncio do Reino de Deus. Para isso é necessário usar de

---

<sup>14</sup> ibidem.



criatividade e inovação em nossos projetos de pastoral, superando as fórmulas ultrapassadas e os achismos que se escondem atrás da expressão popular “sempre foi assim”. Não vivemos do saudosismo de um passado que não volta mais, como no tempo das confrarias e das irmandades.

116. O Concílio Vaticano II aponta para outra direção. A modernidade exige ousadia e novos métodos, capacidade de diálogo com o diferente e de interação com as mais diversas instituições em vista do bem comum, até mesmo quando essas pessoas ou instituições não professam a mesma fé, como nós. Na sociedade civil existem instituições que não são católicas, outras que nem mesmo professam a fé no Cristo, mas lutam pela justiça, pela paz e pelos direitos humanos. Essas instituições trabalham para defender a dignidade da pessoa humana contra o racismo, denunciam a violência generalizada, o genocídio de povos indígenas e a depredação da natureza, buscam promover a reforma agrária, integração dos migrantes e a ética na política. Como podemos observar, trata-se de ações convergentes com nossa fé cristã e por isso sempre podemos trabalhar juntos pelo bem comum.

17. O mesmo se observa na relação com o Estado brasileiro, que mesmo tendo assumido uma natureza laica a partir de 1889 não está fechado para a colaboração da Igreja. E de fato a Igreja contribui com

o Estado brasileiro na construção de um país mais justo para todos. É evidente que a Igreja e o Estado, embora sejam de natureza diversa, possuem muitos objetivos comuns.

## **Uma Igreja sinodal**

118. Acredito em uma Igreja sinodal que saiba caminhar junto, pois os ramos sem o tronco secam. A formação permanente exige processos que abram caminhos para sermos Igreja em saída. No livro dos Atos dos Apóstolos encontramos uma genuína inspiração de como devemos ser Igreja: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum” (At 4,32).

119. A missão do pastor, que não se coloca como dono do rebanho, mas como aquele que exerce o ofício do governo episcopal, reconhecendo-se como um irmão entre os irmãos e irmãs, é orientar as pastorais, os movimentos, os serviços eclesiais e as novas comunidades para caminhar juntos e sustentar a Igreja povo de Deus.

120. Em 2015, o Papa Francisco, no discurso por ocasião do quinquagésimo aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos, disse: “O mundo, em que

vivemos e que somos chamados a amar e servir mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão. O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja na atualidade. Aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está contido na palavra ‘Sínodo’. Caminhar juntos – leigos, pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática”.<sup>15</sup>

### **Fortalecer as estruturas que favorecem a sinodalidade**

121. Eu me uno com o Papa Francisco tanto no que se refere à fundamental importância da sinodalidade, quanto às dificuldades e desafios de colocá-la em prática. E percebo que a sinodalidade também é uma clara opção da Arquidiocese de Maringá, pois, comovido, constato a presença de tantas forças que buscam a unidade, a comunhão, a fraternidade e a solidariedade nesta Igreja Particular. E tudo isso favorece uma organização estrutural, sustentável, fraterna e serviçal.

122. Refiro-me, especialmente, à articulação

---

15 FRANCISCO, *Discurso do Papa Francisco na comemoração do cinquentário da instituição do Sínodo dos Bispos*.

das paróquias em Regiões Pastorais, os Conselhos, as Conferências e os Serviços, ou seja, o Conselho Presbiteral, o Colégio de Consultores, o Conselho Arquidiocesano da Ação Evangelizadora (CAAE), o Conselho de assuntos econômicos e administrativos, o Conselho do Laicato (CNLB), o Conselho Missionário (COMIDI), a Conferência dos Religiosos (CRB), os Serviços e funções de Vigário Geral, do Ecônomo, da Chancelaria, do Tribunal Eclesiástico, as Assessorias e a Assistência Eclesiástica.

123. Temos diante de nós uma Igreja bem servida por Conselhos e outras estruturas de articulação dos diversos organismos do Povo de Deus. Essas estruturas sofreram desgastes e passaram por mudanças ao longo dos anos, mas ainda revelam sua força de renovação na capacidade de acolher os constantes desafios e adaptar-se para responder aos novos tempos, mantendo-se fiel à sua caminhada pastoral, em comunhão colegial com os bispos do Paraná, com as Conferências Episcopais em âmbito Nacional e Continental.

124. Precisamos avançar ainda mais e fortalecer o espírito de sinodalidade em nossa Arquidiocese. Por isso, consideramos oportuno organizar nossa imensa rede de pastorais, movimentos, serviços e organismos, agrupando os diversos segmentos e iniciativas de evangelização em Dimensões, Setores e Comissões Especiais.

125. Essa reorganização justifica-se, em primeiro lugar, a partir do grande número de segmentos e iniciativas evangelizadoras, dificultando o acompanhamento consistente, o envolvimento de todos nas tomadas de decisões sobre a evangelização da Arquidiocese. Além, disso, em segundo lugar, a nova organização fortalecerá a comunhão fraterna e a responsabilidade nas demandas arquidiocesanas. E, em terceiro lugar, considerando o que ouvi nas partilhas de experiências, o empenho de esforços e recursos em torno de objetivos comuns e convergentes em grupos afins, evitará a dispersão de energias e agentes, que nos dará maior efetividade e fecundidade em nossos trabalhos.

126. A imagem escolhida para representar esta nova organização é do “guarda-chuva”, que acolherá as pastorais, os movimentos, os serviços com princípios e objetivos convergentes. A ideia é unir as forças, respeitando os seus carismas. Desta forma, cada um destes guarda-chuvas, isto é, destes grupos afins, se constituirá num espaço comum de reflexão pastoral e troca de experiências com assessorias especializadas. Assim, cada grupo terá condições de fazer um manejo de recursos e de constituir diretrizes e orientações para agilizar, criar maior unidade e cooperação nas diversas frentes de trabalho pastoral de nossa Arquidiocese.

127. Para esta organização iremos considerar principalmente duas coisas: o nível de abrangência e identificação do trabalho evangelizador de cada segmento, a afinidade dos carismas e objetivos entre os diversos segmentos. Deste modo, partindo das Dimensões da evangelização, abrangemos todas as realidades, ou temas da vida eclesial.

128. Entendemos por “Dimensão” aquilo que se refere ao ser e ao agir da Igreja, isto é, aquelas exigências que são comuns e irrenunciáveis a totalidade dos membros do Povo de Deus, ainda que se expressem mais concretamente em algumas atividades e segmentos específicos. Reconhecemos três Dimensões:

1. A Dimensão da Comunhão Missionária;
2. A Dimensão Sociotransformadora;
3. A Dimensão do Diálogo com a sociedade e demais Igrejas e religiões.

129. Procurar-se-á agrupar as realidades e temas transversais da ação evangelizadora que apresentam muitas convergências tanto em relação às pessoas a serem evangelizadas quanto aos objetivos a serem alcançados. Penso aqui na família, na juventude, na comunicação, nos movimentos eclesiais e novas comunidades; também na Iniciação da Vida Cristã, na necessidade de formação sistemática e permanente; na articulação entre os diversos conselhos e organismos do Povo de Deus.

## 1. Dimensões do ser e agir da Igreja

130. Designamos como “dimensões da ação evangelizadora” aqueles aspectos que são irrenunciáveis à totalidade dos membros do Povo de Deus: a comunhão missionária, o serviço de caridade e o diálogo com toda a sociedade. Como mencionado, estas dimensões encontram expressão mais concretas nas atividades de determinados grupos e organizações. Assim, reunindo estes grupos e iniciativas nestas grandes áreas, confiamos a articulação destas dimensões em toda vida eclesial.

### *1.1 A Dimensão da Comunhão Missionária: ser Igreja em saída*

131. A razão de ser da Igreja é concretizar a missão recebida de Jesus Cristo. Podemos definir a Igreja como o Povo que Jesus Cristo, o missionário do Pai, reúne e envia em missão para levar a Boa-Nova a todas as nações. Este Povo é chamado a testemunhar a comunhão amorosa da Santíssima Trindade e anunciar a salvação de toda humanidade em Jesus Cristo, que com sua encarnação, morte e ressurreição nos liberta do pecado para participarmos da comunhão de amor com Ele, o Pai e o Espírito Santo. Desta forma, a Igreja se constitui como uma comunhão missionária.

132. A missão não é um apêndice na vida da

Igreja e muito menos coisa secundária na ação evangelizadora de nossas comunidades. Ao contrário, pelo batismo somos sujeitos do mandato missionário de Jesus Cristo, porque somos revestidos da dignidade de filhos de Deus e nos tornamos participantes de sua obra de salvação. Sobre isso, os bispos do Brasil ensinam que “no seguimento de Jesus, como seus discípulos, todos somos sujeitos de nossa vida e de nossa missão, conscientes de nossa dignidade, livres de qualquer escravidão e capazes de doar-nos ao serviço do Reino de Deus, da comunhão eclesial e do amor ao próximo”.<sup>16</sup>

133. O missionário não é uma pessoa fechada e nem anuncia a si mesmo, mas parte em missão em nome da Igreja e anuncia a Boa Nova de Jesus Cristo. É a Igreja que o prepara, envia, sustenta e direciona. O ato de enviar um missionário, sob a ação e o discernimento do Espírito Santo, é para a Igreja uma confissão pública da necessidade irrenunciável de anunciar o Evangelho.

134. Os frutos da missão são um benefício não apenas para a comunidade que recebeu o missionário, mas também para a que o enviou e ainda para o próprio missionário. O resultado é sempre partilhado entre a comunidade destinatária da missão, a

---

16 CNBB, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade* - documento 105, 91.



comunidade que envia e o próprio missionário que é enviado. No final todos ganham porque é a Igreja de Jesus Cristo que age em todos.

135. A Igreja revela sua maturidade através da ação missionária. A missão faz a Igreja abrir as portas para o Evangelho, faz circular a força do Reino tanto nos corações das pessoas que estão distantes, quanto no coração das pessoas que estão próximas e mesmo assim carentes da Boa-Notícia do Evangelho, do momento em que todos são chamados para participar da vida eclesial, abrir-se à dimensão do serviço, do testemunho de caridade.

136. Cada membro do povo de Deus torna-se discípulo missionário em virtude do batismo recebido, a partir de então é chamado a assumir o jeito de ser de Jesus Cristo que deu sua vida em resgate da humanidade.

137. A Arquidiocese de Maringá tem a oportunidade de ser sempre mais missionária se fizer uma boa animação vocacional para fomentar em todos os seus filhos o desejo de ir em missão. Já falamos anteriormente dos filhos desta Igreja que, ouvindo o chamado de Deus para a missão, partiram em nome da Igreja de Maringá para terras africanas e para a região amazônica do Brasil.

138. Uma forte expressão da comunhão missionária em nossa Arquidiocese são as nossas paróquias constituídas em CEBs e outras comunidades eclesiais. É na comunidade, acolhendo e vivendo a graça batismal, alimentando-a e sustentando-a com os demais sacramentos, que nós descobrimos a grande alegria de anunciar Jesus Cristo e seu Reino.

139. O primeiro lugar em que um batizado assume a vocação missionária é dentro da sua própria comunidade paroquial, sendo um colaborador na sua CEB, com os Grupos de Reflexão, as Pastorais, os Movimentos ou os Serviços.

140. A Igreja é enriquecida com diversos carismas para abrir-se à missão e sua ministerialidade, manifestada nos catequistas, nos agentes da liturgia, nos ministros extraordinários da Eucaristia, nos participantes dos grupos de reflexão e dos grupos de oração, nos agentes da pastoral da saúde, nos missionários do dízimo e em tantos outros serviços existentes na comunidade, já é um sinal de missionariedade.

141. Por outro lado, o mandato de Jesus “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações” (Mt 28, 19a) continua a tocar profundamente algumas pessoas, levando-as a abrir-se à missão *ad gentes* e partir, sob inspiração divina, para o estrangeiro, evangelizar povos longínquos que necessitam de auxílios de

outras Igrejas.

### *1.1.1 Qual é a essência e os novos lugares para a missão da Igreja?*

142. A Conferência de Aparecida fez um grande apelo missionário à Igreja: “Dos que vivem em Cristo se espera um testemunho muito crível de santidade e compromisso. Desejando e procurando essa santidade não vivemos menos, e sim melhor, porque, quando Deus pede mais, é porque está oferecendo muito mais: ‘Não tenham medo de Cristo! Ele não tira nada e dá tudo’<sup>17</sup>. Eu me sinto revigorado quando encontro comunidades maduras que buscam incentivar vocacionados para o serviço missionário, desafiando-os para sair da sua zona de conforto e conhecer novas realidades, outras culturas, entregando-se ao anúncio da palavra redentora de Jesus Cristo.

143. A palavra do Papa Francisco também nos inspira: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e comodidade de

---

17 CELAM, *Documento de Aparecida*, 352.

se agarrar às próprias seguranças”<sup>18</sup>. A Igreja como Mãe e Mestra, tem a tarefa de suscitar o ardor missionário nos tradicionais grupos de oração e de reflexão, para poderem ir além da Catedral, da Igreja Matriz e das capelas. É preciso ir testemunhar o Evangelho em outros areópagos, como, por exemplo, nas periferias das nossas cidades, nos novos aglomerados habitacionais que crescem diariamente.

144. Há um enorme vácuo nos bairros, nos conjuntos habitacionais, nos condomínios que muitas vezes são fechados em si mesmos e, devido à busca de segurança, acabam impedindo a entrada de agentes evangelizadores. Os ambientes fechados dificultam cada vez mais o anúncio do Evangelho da alegria e a experiência de isolamento vivida ali pode provocar um esfriamento da fé até mesmo em famílias com uma cultura e prática religiosas.

145. Talvez o grande desafio para muitos cristãos envolvidos nos processos de evangelização seja se locomover até estes novos bairros e formar comunidades missionárias. Mas não tem outro jeito, é preciso colocar o pé na estrada. Formar uma comunidade exige ir até àqueles novos moradores, convidá-los para as nossas celebrações litúrgicas, fundar novos grupos de famílias, fazer chegar até eles as nossas pastorais,

---

18 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 49.

de modo que a catequese, a liturgia, os ministros da Eucaristia e os missionários do dízimo entre tantos outros serviços pastorais estejam ao alcance de todos.

146. E, assim, testemunhando a alegria de servir na comunidade demonstramos nosso amor a Cristo, no serviço gratuito ao próximo. Desta maneira o Espírito Santo age, os novos moradores progressivamente, se tornam uma nova comunidade de fé. Uma Igreja missionária é constantemente, desafiada a desenvolver uma pastoral com criatividade.

147. As nossas comunidades também são sensíveis e solidárias com aqueles que sofrem os infortúnios da vida, sobretudo em situações de sofrimento como a doença, a morte, o desemprego e os problemas conjugais. Muitos de nossos irmãos que passam por algumas dessas dores e provações, esperam de nós mais sensibilidade e da comunidade mais atenção, quando buscam a assistência necessária e o conforto espiritual para superar as adversidades da vida à luz da fé em Cristo.

148. É nossa missão contribuir para diminuir a dor, a miséria, a frieza e a ausência de esperança na vida dos nossos irmãos. A eles somos enviados para derramar o óleo da misericórdia nas suas feridas e anunciar o Evangelho da alegria. Pois, como afirma o Documento de Aparecida: “Deus em Cristo não

redime só a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os seres humanos”.<sup>19</sup>

149. Fomentar a vida fraterna em comunidade exige cuidado, atenção, ousadia e criatividade, por as comunidades serem dinâmicas e existem pessoas em constante movimento, mudando de bairro, cidade e mesmo de país. O fenômeno da mobilidade humana exige das nossas lideranças comunitárias uma atenção constante com quem chega e com quem sai do bairro. Além disso, as lideranças comunitárias precisam renovar com determinada frequência suas funções de coordenação e animação, de modo que nunca falem as pessoas capacitadas para dar vida a esses serviços essenciais.

150. O espírito missionário exigido pelo Concílio Vaticano II e reafirmado no Documento de Aparecida pede um novo modo de pastorear o povo de Deus, considerando os desafios que se impõem a cada dia em nossas vidas. A partir disso se percebe que a evangelização é uma constante busca por novas respostas.

## **Ameaças e possibilidades**

151. Os desafios que devemos superar com a

---

19 CELAM, *Documento de Aparecida*, 359.

Dimensão da Comunhão Missionária em nossa Arquidiocese:

- O mau uso dos meios de comunicação social faz nascer programas missionários *à la carte* marcadamente, intimistas e fundamentalistas, desvinculados da mãe Igreja, do seu magistério, da verdade evangélica;
- O fechamento doutrinário e a propagação do proselitismo religioso que desrespeita as outras culturas e religiões;
- A autopromoção através do uso instrumentalizado e ideológico da Palavra de Deus a partir de uma lógica intimista e consumista.

152. Passos que precisamos dar:

- Constituir novas comunidades eclesiais em bairros ainda não evangelizados e fortalecer aquelas já existentes com o incremento de lideranças dinâmicas, com a publicação de subsídios, realização de encontros, retiros etc.;
- Evangelizar com o espírito de abertura e dinamicidade segundo o Documento de Aparecida;
- “Propiciar momentos, espaços de experiências genuínos da fé cristã, para que não nos roubem o entusiasmo missionário” (*Evangelii Gaudium*, n. 80).

## 1.2 Dimensão Sociotransformadora: a Igreja servidora da vida

153. No início do grande Sermão da Montanha, Jesus proclama: “Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3). A sensibilidade é uma atitude que abre o coração humano para a fraternidade universal.

154. O Evangelho nos pede para ir ao encontro dos vulneráveis e dos esquecidos para restabelecer sua dignidade a exemplo do que fez o Mestre de Nazaré quando alimentou a multidão faminta, acolheu pecadores e pecadoras, curou os cegos, os surdos, os mudos, os coxos, até mesmo ressuscitou os mortos.

155. Da mesma maneira o Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, nos provoca em ir ao encontro destes nossos irmãos e irmãs mais vulneráveis, esquecidos pela sociedade consumista e intimista, que reduz o ser humano a mais um objeto descartável. Em sintonia com a sua experiência de pastor e agente de evangelização nestas terras da América Latina, o Papa entende a Igreja como uma instituição de portas abertas, ou melhor, uma comunidade de irmãos e irmãs sempre disposta a acolher.

156. A vida humana é dom e tarefa, é um presente



gratuito de Deus que devemos cuidar desde a concepção, passando por todas as suas etapas, até sua morte natural. É em vista do cuidado com a vida que o Papa nos pede para ir ao encontro do mundo, para abrir os olhos e reconhecer os filhos de Deus marginalizados pela sociedade. Quando escancaramos as portas da nossa vida para acolher as outras pessoas, os olhos se abrem e o nosso coração se compadece com tantos filhos e filhas de Deus vivendo de sobras, em condições precárias, desolados e isolados, carentes de ternura e amor verdadeiros.

157. Na verdade, o Papa Francisco não propõe uma novidade, mas resgata aquilo que o Concílio Vaticano II nos pediu há sessenta anos, isto é, que a Igreja volte às suas fontes evangélicas e renove sua ação evangelizadora a partir da experiência das origens para melhor edificar o Reino de Deus em nossas comunidades cristãs.

158. Essa é a novidade do Concílio Vaticano II que queremos renovar em nossa Arquidiocese. Digo renovar porque já temos muitas e sólidas iniciativas pastorais que convergem maravilhosamente, para o espírito conciliar. Contudo, ao mesmo tempo em que precisamos fortalecer essas experiências válidas e promissoras também precisamos estendê-las a outras comunidades que ainda não assumiram, suficientemente, este jeito de ser Igreja de portas abertas.

159. Na Arquidiocese de Maringá temos várias iniciativas sociotransformadoras que trabalham, incansavelmente, na formação das pessoas e pela transformação das estruturas sociais. São, verdadeiramente, louváveis nossas obras sociais que, alicerçadas na Doutrina Social da Igreja, promovem o resgate da dignidade da pessoa humana e a mudança de estruturas políticas injustas, em prol da formação de homens e mulheres novos. Na sua grande maioria, essas iniciativas estão vinculadas às nossas paróquias, aos grupos católicos provenientes dos movimentos eclesiais, às entidades e congregações religiosas.

160. Através da Cáritas, a Arquidiocese de Maringá também desenvolve, trabalho de acolhida e integração dos migrantes estrangeiros que chegam à região de Maringá, buscando melhores condições de vida. Além disso, a Cáritas diocesana incentiva a economia popular solidária, promove a segurança alimentar e coordena o Conselho gestor do Fundo Arquidiocesano de Solidariedade, mantido pela Campanha da Fraternidade.

161. Recentemente, atendendo um chamado do Papa Francisco que conclamou os jovens para criar um pacto econômico, iniciamos a articulação do núcleo diocesano da “Economia de Francisco e Clara” que busca promover nova economia socialmente, justa, economicamente viável, ambientalmente

sustentável, eticamente, responsável.

162. Queremos incentivar e dar nosso apoio a iniciativas de promoção humana para que cada vez mais sejam presença atuante na sociedade, contribuam para a formação de novas pessoas, segundo os valores do Evangelho.

163. Afinal, cuidar dos desfavorecidos é um apelo evangélico e, por isso mesmo, uma norma de conduta para a vida cristã. A Igreja não tem a pretensão de ocupar o lugar do Estado, pois é o Estado que, por primeiro, tem a obrigação de zelar pela vida de todos os cidadãos. A Igreja participa ativamente, da sociedade civil, para dar testemunho do evangelho; é nesse mesmo espírito que colabora paritariamente, com outras instituições de acolhimento, no cuidado, na promoção de cada pessoa.

164. O próprio Jesus Cristo nos deixou o exemplo a seguir: “Pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber, eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e viestes até mim” (Mt 25,35-36). Essa deve ser a essência de toda ação sociotransformadora da Arquidiocese de Maringá.

165. Somos uma Igreja Particular com muitas

demandas, mas graças a Deus também temos muitos recursos humanos; por isso temos a possibilidade de acolher ainda mais pessoas em situação de vulnerabilidade. Para isso, precisamos de uma organização inteligente que seja conduzida pelo Espírito Santo, ao mesmo tempo, integrada, iluminada pela força da caridade, do amor ao próximo.

166. O planejamento estratégico efetiva-se através dos serviços disponíveis, somando às forças dos organismos do povo de Deus. O mandato do Mestre da Galileia “dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37; Mt 14,16) deve ecoar em nossos ouvidos quando professamos a fé em Jesus Cristo ressuscitado, porque o Senhor espera algo a mais daqueles que levam o nome de cristãos. Não bastam ações isoladas de assistência ou socorro emergencial, é preciso ir além dessas práticas: oferecer oportunidades para que o empobrecido possa descobrir caminhos alternativos, ter novas oportunidades na vida, superar a miséria.

167. Podemos vislumbrar um projeto qualificado para uma ação sociotransformadora mais eficaz na Arquidiocese através de três eixos principais que veremos a seguir, respectivamente: o eixo da espiritualidade; institucional e o da geração de renda.

## Eixo da espiritualidade

168. A vivência da verdadeira espiritualidade cristã conduz ao testemunho do Evangelho, por isso caracteriza o jeito de agir do cristão. Com efeito, “a espiritualidade responde ao desejo e à busca do rosto de Deus e da comunhão com ele. Uma espiritualidade encarnada caracteriza-se pelo seguimento de Jesus, pela vida no espírito, pela comunhão fraterna e pela inserção no mundo”.<sup>20</sup>

169. Quando damos “o pão nosso de cada dia” ao necessitado, oferecemos-lhe não apenas o alimento, também o amor e a ternura de Deus. Somos chamados a corresponder aos dons da misericórdia divina com a justiça, a ética e a fraternidade solidária. Além disso, na espiritualidade cristã servimos o próprio Cristo nos irmãos necessitados, de modo que, quando enxugamos as lágrimas dos sofredores, alimentamos os pobres, cuidamos dos doentes, esquecidos da sociedade, estamos cuidando do Cristo sofredor presente neles. Por isso, com razão rezamos na Oração Eucarística VI-D: “Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos; fazei que, a exemplo de Cristo, e seguindo o seu mandamento, nos empenhemos lealmente no

---

20 CNBB, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade* - documento 105, 184.

serviço a eles. Vossa Igreja seja testemunha viva da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que toda a humanidade se abra à esperança de um mundo novo” (Missal Romano).

## **Eixo institucional**

170. Temos muitas instituições de caridade em nossa Arquidiocese. Não fazemos este trabalho “por fazer”, mas por convicção, amor, consciência de nossa missão como discípulos missionários de Jesus Cristo. Uma ação sociotransformadora deve ir além do gesto de caridade e abrir-se ao planejamento estratégico, conseguindo elaborar programas de qualificação profissional. Todo esse processo precisa ser vivenciado como um instrumento de evangelização no mundo, de modo que a Igreja seja uma luz a brilhar naqueles ambientes onde as trevas do egoísmo, do pecado geram indiferença, abandono, fome e morte.

171. A sinodalidade se expressa na capacidade de uma instituição caritativa de ouvir a outra, de saber sentar-se juntos para planejar as ações, fortalecer cada instituição representada no setor. As instituições devem saber administrar riscos, fragilidades da sua estrutura organizativa, pois um adequado controle de gestão favorece o cumprimento da missão que é atender os pobres, oferecendo-lhes condições para

superar suas carências materiais e espirituais, integrando-os no seio da sociedade com justiça e amor fraterno. Uma verdadeira instituição de caridade não faz concorrência com outras instituições símiles, nem promove ações por conta própria, ao contrário, valoriza na outra – com espírito de sinodalidade e comunhão eclesial – suas experiências bem-sucedidas que agregam valores e contribuem para o crescimento de todos.

172. Fazer apenas campanhas de alimentos, agasalhos é uma coisa boa, mas precisamos ir além disso. Precisamos, urgentemente, fazer uma campanha de conscientização da justiça e da solidariedade, para que mais pessoas se inseriram na sociedade civil, promovam políticas públicas que favoreçam uma vida digna para todos. Tudo isso, por um lado supõe transformar nossas instituições caritativas em instrumentos de promoção da superação da pobreza; por outro, busca reconstruir o tecido social com leis e estruturas políticas que favoreçam, concretamente, ao bem comum.

## **Eixo da geração de recursos financeiros**

173. Quando o coração humano se compadece, passa a exigir a presença, a participação e o protagonismo das pessoas no processo de superação da

miséria. A ajuda solidária é, verdadeiramente, o termômetro de um coração convertido. Quem não se compadece com a dor do pobre e necessitado ainda não está preparado para se aproximar da fila da Eucaristia, por isso não está na plena comunhão com Jesus Cristo, que teve compaixão pelos sofredores deste mundo.

174. Um cristão sábio consegue inspirar várias pessoas, até de instituições para participarem de projetos sociais planejados com clareza e eficiência. É preciso aprender a somar forças com entidades jurídicas e físicas, para ter acesso a recursos do mundo econômico e abrir novos caminhos para alcançarmos o protagonismo sustentável, produtivo das nossas instituições de caridade.

175. Precisamos aprender o caminho que possibilita acessar os recursos legais que financiam, sustentam as entidades filantrópicas. A aplicação correta, estratégica sustentável dos recursos captados se transforma em testemunho do Evangelho. O bom uso dos recursos, além de favorecer os mais necessitados, também incentiva outras pessoas a abrirem seus corações com gestos de generosidade caritativa. É, assim, o bálsamo da caridade e seu perfume se difundem além dos limites da comunidade cristã, seja sensibilizando toda a sociedade para doações, ofertas espontâneas, seja estimulando outras entidades a



organizarem campanhas em benefício de suas obras sociais.

176. O planejamento estratégico pela busca de trabalho enriquece toda a sociedade, pois ao estabelecer parcerias com o poder público e privado (empresas, universidades e instituições afins) fomenta todo o tecido social no comprometimento com as causas sociais. Por conseguinte, o sistema de parceria e caminhada conjunta exprime o espírito sinodal, de corresponsabilidade de todos para a superação da miséria, a cura das dores, sofrimentos das pessoas abandonadas, ignoradas, consideradas como sobras numa sociedade injusta.

## **Ameaças e possibilidades**

177. Os desafios que devemos superar com a Dimensão Sociotransformadora em nossa Arquidiocese:

- Politizar o pobre com finalidades eleitorais, de proselitismo religioso, utilizando-se dos serviços sociais da Igreja para ideologização da fé, da vida eclesial;
- A falta de planejamento estratégico, bem como o isolamento e o individualismo das instituições católicas de cunho caritativo sem um verdadeiro diálogo com a Arquidiocese;
- Reduzir a caridade cristã a mero

assistencialismo permanente ou esporádico.

178. Passos que precisamos dar:

- Congregar todas as instituições católicas de cunho caritativo ou sociotransformador no Setor Social (Dimensão sociotransformadora), criando um espaço de troca de experiências, de diálogo com a Arquidiocese;
- Fortalecer as instituições católicas de cunho caritativo ou sociotransformador presentes na Arquidiocese, oferecendo suporte técnico e jurídico para que sejam capazes de atingir a autonomia financeira;
- Colaborar com a sociedade civil na construção de políticas públicas e projetos de caráter social, que visem a superação das desigualdades econômicas e a inclusão social dos mais empobrecidos.

179. Ressalto que a dimensão sociotransformadora exige formação técnica, visão de mercado, verdadeiro conhecimento do campo de atuação e capacidade de elaborar projetos viáveis. Faço um apelo às nossas instituições de caridade para estarem abertas à proposta, e disponham-se a conhecer as outras experiências que existem em nossa Arquidiocese. E a todos, conclamo para apoiarem, participarem das nossas iniciativas sociais.

### *1.3 Dimensão do Diálogo Igreja e sociedade: ouvir, respeitar e conviver*

180. Debaixo do guarda-chuva da Dimensão do Diálogo da Igreja com a Sociedade, encontram-se as iniciativas desenvolvidas pelo Conselho Nacional do Laicato do Brasil - CNLB, pelo Movimento Ecumênico de Maringá (MECUM), pelo Grupo de Diálogo Interreligioso (GDI), pela Pastoral da Educação, pela Pastoral Afro-Brasileira, pela Pastoral do Turismo e outras pastorais ou conselhos que poderão ser criados.

181. Este jeito de evangelizar pede a presença da organização dos cristãos leigos e leigas (CNLB) como força evangelizadora transversal e transformadora na Igreja, na sociedade. Assim como nos recorda a *Conferência de Puebla (1979)*, *os leigos são homens e mulheres da Igreja no coração do mundo e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja*. Os cristãos leigos e leigas constituem uma família, dialogam com a sociedade organizada, o poder público, são criativos no mundo do trabalho, articulam novas redes de informação, comunicação, atuam nos observatórios, para superar as injustiças e desequilíbrios provocados pela ausência da vivência do Evangelho. “É missão do povo de Deus assumir o compromisso sociopolítico transformador, que nasce do amor apaixonado por Cristo.

Desse modo se incultura o Evangelho”.<sup>21</sup>

182. É preciso mostrar ao mundo que a religião existe para religar e não para afastar. Por isso, queremos otimizar as forças do Movimento Ecumênico em Maringá (MECUM) e do Grupo de Diálogo Interreligioso (GDI), para que sejam quebrados os muros da separação, do indiferentismo religioso entre nós.

183. Nossa história arquidiocesana conta com várias iniciativas na área da educação, inclusive com a participação ativa na construção de escolas, universidades e institutos de ensino para uma educação fraterna e solidária. Para a Igreja o ambiente educacional é um lugar privilegiado para exercer sua vocação de ser sal da terra e luz do mundo, fazendo a massa fermentar com os valores do Evangelho.

184. Para a voz da Igreja chegar aos quatro cantos dos areópagos do mundo da educação, precisamos urgentemente, fazer a Pastoral da Educação chegar a outras paróquias da Arquidiocese e também precisamos reorganizar a Pastoral Universitária. “O compromisso evangelizador de tantos fiéis leigos no mundo da educação contribui para a promoção do desenvolvimento integral da pessoa, combatendo também a pobreza, a escravidão, oferecendo às pessoas

---

21 CNBB, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade* - documento 105, 161

a possibilidade da formação da consciência, para a liberdade”.<sup>22</sup>

185. Em relação aos povos afrodescendentes, devemos reconhecer que temos uma grande dívida social, pois no passado eles foram arrancados de suas famílias, da sua cultura, das suas práticas religiosas, da sua pátria. Por isso, hoje precisamos aprender a ouvi-los para conhecer seus anseios, seus problemas, precisamos apoiá-los e acompanhá-los em suas lutas. E a Pastoral Afro-brasileira é a instituição mais adequada, para nos ajudar a quitar a dívida social.

186. Em relação à Pastoral do Turismo, devemos ter presente que nossas catedrais, igrejas, capelas e monumentos possuem um valor não apenas espiritual, mas também artístico e histórico. Quando a Pastoral do Turismo apresenta toda riqueza religiosa, artística, cultural e histórica, tem a oportunidade de apresentar também os valores evangélicos da época em que foram edificadas. Além disso, uma peregrinação une as pessoas, constrói pontes entre ambientes culturais diversos, se apresenta como ocasião privilegiada para o anúncio do Evangelho.

---

22 CNBB, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade* - documento 105, 269.

## Ameaças e possibilidades

187. Estejamos atentos às ameaças que podem diluir o patrimônio da nossa Igreja:

- O perigo da intolerância religiosa;
- O predomínio da dimensão material e a indiferença no campo dos valores éticos, religiosos;
- A negação da instituição, que depreca o verdadeiro espírito comunitário com seus valores, conquistas.

188. Superaremos as ameaças através das possibilidades:

- Formação sistemática para desenvolver respeito e espírito de abertura ao diferente;
- Ousadia e critérios de organização, caminhar juntos, dialogar;
- Reforçar os vínculos de colegialidade nos vários âmbitos de organização da Igreja, isto é, com o Regional Sul II (= no Paraná) com a CNBB (= no Brasil) e com a Santa Sé (= no mundo).

189. A Dimensão do Diálogo da Igreja com a Sociedade nos oferece muitas possibilidades para aprender a caminhar juntos, somar forças em vista do bem comum. Seria importante elaborar subsídios para o enfrentamento das demandas específicas e

para fortalecer a organização, a estruturação do setor instrumento de ação da Arquidiocese de Maringá. A força da oração, os serviços de assessoria especializada, o estudo sistemático, a constante atualização pode favorecer nosso diálogo com a sociedade.

## **2. Realidades e temas da Ação Evangelizadora**

190. Há segmentos e iniciativas de comunhão e evangelização que trabalham com realidades e grupos bem específicos da sociedade e da Igreja. São grupos com carismas, objetivos convergentes, conforme trataremos a seguir.

### *2.1 Família*

191. A Igreja como mãe e cuidadora da vida ocupa-se vigorosa e constantemente das coisas que se referem ao contexto familiar. A instituição familiar é tão querida e benquista por Deus ao ponto de Ele fazer que seu Filho Jesus nascesse no seio de uma família: a Família de Nazaré. Jesus, Maria e José constituem para o cristão o modelo ideal de convivência fraterna, o lugar de crescimento na fé, de formação humana. É na família que aprendemos por primeiro a amar a Deus e aos irmãos, respeitando a vida em plenitude em todas as circunstâncias que ela se apresenta, porque a primazia da vida está alicerçada na família.

192. O Papa Francisco em sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* apresenta a família como a *Alegria do Amor*. Isso é, para todos nós, um motivo de júbilo, incentivo para continuar apostando na maneira de viver no mundo. As gerações mais jovens também dão testemunho de seu desejo de viverem em família, isso é, verdadeiramente, uma boa notícia para a Igreja.<sup>23</sup>

193. A Igreja diocesana na totalidade deve se comprometer com a evangelização da família, pois todas as pastorais, movimentos e serviços eclesiais estão em contato com a família, quando evangelizam e cuidam das crianças, dos jovens, dos adultos, dos idosos, dos doentes e dos vulneráveis. Como esse campo de missão é amplo e exigente, o grande guarda-chuva do Setor Família apresenta-se como uma ação conjunta de evangelização que acolhe o carisma dos movimentos, dos serviços eclesiais voltados à evangelização, o cuidado da família, com a Pastoral Familiar e toda a Igreja defende a vida humana desde a sua origem, ou seja, desde o ato da fecundação, até o seu fim natural.

194. Em nossa Arquidiocese temos exemplos belíssimos de verdadeiras famílias que vivem com generosidade o amor entre si e isso nos estimula a impulsionar, aprimorar as diversas iniciativas, trabalhos

---

23 FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, 1.



pastorais voltados à família. Recordamos os grupos de casais que testemunham o amor conjugal, evangelizam através da Pastoral Familiar, tantos outros movimentos, serviços eclesiais com o carisma de educar para a vida em família. Trata-se de um trabalho pastoral valioso para a construção de famílias, solidamente, embasadas nos princípios cristãos realizado pela Pastoral Familiar, pelo Movimento Familiar Cristão (MFC), pelo Encontro de Casais com Cristo (ECC), pelo Encontro Matrimonial Mundial (EMM), pelas Equipes de Nossa Senhora (ENS), pela Comunidade de Famílias Arvorear, pela Liga das Famílias de Shoenstatt, pelo Ministério das Famílias da RCC e pelo Movimento de Cursilhos de Cristandade (MCC). Juntos, exprimem a riqueza, a diversidade de carismas, dons a serviço do corpo eclesial que é a Igreja. Por isso, como Igreja diocesana, queremos otimizar o importante trabalho que se realiza em vista da valorização do sacramento do matrimônio, também queremos incentivá-los, para que mais jovens encontrem nestes grupos inspiração, para constituírem sólidas e consistentes famílias cristãs.

195. Cada família é chamada a empenhar-se para viver em comunhão e fraternidade, respeitando as atribuições próprias de cada membro num verdadeiro espírito de sinodalidade. Todos têm seu lugar e missão nesta grande aventura chamada família cristã fundamentada em Cristo como alicerce,

ponto de unidade, fonte de vida para cada membro da família.

196. Do mesmo modo deverá ser o Setor Família em nossa Arquidiocese, ou seja, no Setor Família a Pastoral Familiar, os movimentos e serviços eclesiais que se dedicam à sua evangelização são chamados a dar testemunho de sinodalidade e comunhão fraterna entre si, congregando-se ao redor do único objetivo: a evangelização, o cuidado das famílias.

197. O Setor Família deverá saber olhar o todo, agir no particular, mas caminhando sempre na mesma direção para ser capaz de responder aos problemas das famílias dos nossos tempos. Lembremo-nos de tantas famílias desestruturadas, com pais ou mães ausentes na educação de seus filhos, que acabam assumindo outras pessoas, por exemplos: os tios ou avós, como ponto de referência, para suprirem um pouco a ausência dos pais. Lembremo-nos também das famílias que a ausência de um dos cônjuges gera desequilíbrio emocional, sentimental, comprometendo assim uma saudável e plena maturação afetiva de seus membros. Famílias que passam por esses problemas estão mais propensas a sofrer os efeitos da instabilidade sociocultural do nosso tempo, isso pode levá-las a desistir de buscar viver a vida de família como casa e escola de comunhão.

198. Uma tarefa irrenunciável do Setor Família é o acompanhamento dos casais em nova união. Quantas famílias que conhecemos celebraram o matrimônio conforme as orientações da Igreja, mas em determinado momento da vida não conseguiram levar o relacionamento adiante, faliram no compromisso de amor e fidelidade, rompendo a aliança matrimonial. Os sofrimentos dessas famílias são enormes, não terminam quando contraem novas núpcias. Pelo contrário, pelo fato de não poderem celebrar o sacramento do matrimônio também se sentem excluídas da comunidade. Não cabe a nós julgarmos essas famílias com base ao mérito do fim do primeiro casamento, mas acolhê-las, acompanhá-las, ajudá-las a discernir novos caminhos para a integração na vida eclesial.

199. Quanto aos casais jovens, eles precisam do nosso apoio, do nosso testemunho. Sejam ousados, dispostos a acompanhar com esmero, atenção sua preparação ao sacramento do matrimônio, bem como seus primeiros anos de vida conjugal, sendo uma presença, que irradia o testemunho da vida em família mesmo nas dificuldades do dia a dia, encontra na Igreja, na fé em Deus o sustentáculo para a perene realização da vida matrimonial.

200. O Setor Família é chamado a trazer todas as famílias de nossa Arquidiocese para o coração da Igreja, apresentando-a como mãe terna que acolhe, afaga

e ama com coração misericordioso, cheio de compaixão. A imagem da árvore pode ilustrar o trabalho que queremos realizar com as famílias: cada segmento que trabalha com a evangelização das famílias é um galho sustentado pelo único tronco que é Jesus Cristo, juntos, galhos e tronco, formaremos uma árvore frondosa com melhores condições para acolher a todos o que dela se aproximam, buscando seus frutos como alimento, sua sombra como lugar de repouso para poder continuar a caminhada.

### *Construir a família*

201. A Igreja, é pois, escola de fé e vida, lugar hospitalar do cuidado de todos, laboratório de construção, edificação das relações humanas, campo de trabalho, oferta de emprego, praça para a convivência lúdica e saudável, também aspira que os seus membros tenham um lar digno, justo, sempre mais conforme ao nome de cristão. O Papa Francisco, comentando o salmo 128(127), um dos mais usados na celebração do matrimônio cristão, nos recorda que o salmista apresenta o homem e a sua esposa na casa, sentados à mesa, ali também estão os filhos que os acompanham “como brotos de oliveira” (Sl 128/127, 3), isto é, “cheios de energia e vitalidade”. A partir disso, nos ensina que “se os pais são como que os alicerces da casa, os filhos constituem as ‘pedras vivas’ (cf. 1Pd 2,

5) da família”.<sup>24</sup>

202. Infelizmente atravessamos tempos muito difíceis. O modelo de sociedade em que vivemos dificulta a constituição de uma família unida, sólida, sustentável, pois o atual modelo econômico, marcadamente, neoliberal coloca o lucro acima de tudo e de todos; de um lado priva muitas famílias de suprirem suas necessidades básicas e viverem dignamente, de outro lado faz muitas famílias se perderem na busca desenfreada pelo dinheiro, pelo poder e pelo prazer.

203. Uma nova forma de geração de renda deveria surgir para que a vida possa alcançar um patamar sólido, equilibrado e justo, que fomente a solidariedade, a espiritualidade, a convivência fraterna humana. “Uma vez que o Criador de todas as coisas constituiu a comunidade conjugal como princípio e fundamento da sociedade humana, e, pela sua graça, a tornou grande sacramento em Cristo e na Igreja (Ef 5,32), o apostolado dos cônjuges e das famílias tem importância singular, tanto para a Igreja como para a sociedade civil”.<sup>25</sup>

204. O Papa São João Paulo II afirma na *Exortação Apostólica Familiaris Consortio* que “no

---

24 FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, 14.

25 CONCÍLIO VATICANO II, *Apostolicam Actuositatem*, 11.

matrimônio e na família constitui-se um complexo de relações interpessoais – vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade – mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na ‘família humana’ e na ‘família de Deus’, que é a família dos cristãos que edificam a Igreja: na família, de fato, a pessoa humana não só é gerada e progressivamente introduzida, mediante a educação, na comunidade humana, mas mediante a regeneração do batismo e a educação na fé, é introduzida também na família de Deus, que é a Igreja”.<sup>26</sup>

205. O Papa Francisco ensina na Exortação *Amoris Laetitia* que o diálogo é uma atitude muito importante para um lar cristão, edificando as relações e possibilitando o êxito na vida familiar: “o diálogo é uma modalidade privilegiada, indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar”<sup>27</sup>. O mesmo se constata na vida de Igreja, pois o diálogo fortalece a decisão de caminhar juntos, une a comunidade cristã num corpo sólido, tendo Jesus Cristo como a cabeça desse corpo.

206. Outro aspecto importante da família é a espiritualidade. A família cristã faz do seu lar uma casa de oração, faz da Igreja a sua casa. A família cristã

---

26 JOÃO PAULO II, *A missão da família cristã no mundo de hoje*, 15.

27 FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, 15.

celebra os sacramentos e se exercita nas obras de misericórdia. Uma família que não reza e não se compadece dos necessitados ainda não vive plenamente sua fé em Cristo. A identidade da família cristã é construída sobre sólidos valores espirituais e sobrenaturais que dão segurança no dia a dia, coesão da vida matrimonial e familiar. Entre os pilares de sustento de uma família cristã encontram-se a confiança no Deus, Pai das misericórdias, a fé em Jesus Cristo, o cultivo da espiritualidade, dos valores transcendentais.

207. O amor, a espiritualidade, a afetividade, a confiança entre as pessoas que se abrem para as relações sadias, sustenta, dão gosto à vida familiar, dia a dia. Como Maria e José na intimidade com o Menino Jesus, as famílias aprendem a superar as barreiras, os obstáculos, assim crescem em valores como uma família cristã.

## **Ameaças e possibilidades**

208. Os desafios que devemos superar com o Setor Família, em nossa Arquidiocese:

- A quebra das virtudes familiares e a crescente violência física e psicológica;
- A realização de encontros e atividades isoladas sem continuidade;
- Crise econômica e política geram instabilidade

na família.

209. Avanços que precisamos alcançar:

- Educar para as virtudes e os valores familiares cristãos, sem perder de vista o combate à violência familiar, a promoção do diálogo entre as gerações;
- Desenvolver projetos mais amplos, permanentes para a evangelização da família, possibilitando a continuidade, gradualidade do acompanhamento;
- Estimular a experiências, a mútua colaboração entre as pastorais e movimentos que evangelizam a família.

## *2.2 Juventudes*

210. Desde o momento em que cheguei na Arquidiocese constatei que a juventude é uma das nossas demandas para ação pastoral. Inicialmente, busquei entender, escutar os envolvidos neste importante segmento da Igreja, e me pus a discernir quais seriam as forças vivas que temos para realizar o planejamento da ação evangelizadora, quais atividades poderiam ser agregadas ao trabalho já existente com a juventude, sempre pensando em dar mais visibilidade, oferecer mais apoio, disponibilizar mais recursos para serem investidos.



211. Percebi que a pandemia afetou o Setor Juventude, prejudicando a dinâmica e entusiasta execução do trabalho de evangelização que se realizaria junto aos jovens. A partir do diálogo que mantenho com os diversos segmentos juvenis, sinto a necessidade urgente de recuperar o vigor, a dinâmica nos processos de evangelização da juventude. Nesse sentido, reafirmamos nosso compromisso de apoio, acompanhamento de um projeto de educação na fé, para os jovens junto às comunidades eclesiais.

212. Sirvo-me aqui das palavras do Papa Francisco na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*: “Cristo Vive: É Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo!”<sup>28</sup>. A primeira palavra do Pontífice – “Cristo” – apresenta quem eu desejo anunciar ao me dirigir a toda a juventude da Arquidiocese. Para mim, como bispo, é maravilhoso ouvir do nosso querido Papa as palavras de encantamento, referindo-se aos jovens: “Tudo o que Ele toca se torna jovem, se torna novo, se enche de vida”<sup>29</sup>. Isso demonstra a preocupação da Igreja, presente no mundo inteiro, sobre a importância, o valor do jovem para a vida cristã.

213. Os brotos viçosos de uma videira enchem

---

28 FRANCISCO, *Christus Vivit*, 1.

29 ibdem.

os olhos do agricultor na esperança de que os frutos serão abundantes, a colheita será um sucesso. Vocês jovens, são os brotos novos, cheios de vida, de entusiasmo, da seiva da fé. Alimentados por uma grande força de vontade, pela gana de viver com intensidade, eu os convido a descobrir os caminhos seguros da felicidade em Cristo, mesmo que, às vezes, tortuosos e íngremes.

214. Continuem a olhar para o alto, para o infinito dos céus, onde podem realizar seus anseios, dar sentido à vida, aspirar coisas maiores, colorir o mundo com sua jovialidade e alegria imensurável. Ao mesmo tempo, não deixem de olhar para frente, com os pés no chão, para encontrar no rosto de cada irmão a face de Cristo, que desperta em nós o desejo de comunicar a Boa Nova Reino de Deus a todas as criaturas.

215. A juventude terá seu lugar garantido na reorganização pastoral que propomos para nossa Arquidiocese. O “guarda-chuva” da juventude é chamado Setor Juventude, sendo constituído por diversos segmentos juvenis, que englobam a Pastoral da Juventude, os movimentos eclesiais com carisma juvenil. O Setor Juventude continuará sendo um espaço de reflexão, proposição de processos de educação na fé para os jovens de nossas comunidades. Através dele esperamos renovar o interesse pela evangelização da juventude em nossas paróquias para que cada

comunidade tenha como ponto de partida ações possíveis e eficazes.

216. Aponto três elementos importantes que devemos ter presentes à nova etapa do Setor Juventude: a Comunidade Eclesial, a Vocação e a Profissão.

### *A Comunidade Eclesial*

217. A vida cristã é marcadamente comunitária. A comunidade eclesial como lugar de acolhida, de transmissão da fé coloca-nos diante do sentido profundo do viver unido a Jesus Cristo ressuscitado. Ele manifesta-se, sobretudo, aos discípulos reunidos em comunidade. Sua primeira aparição foi às mulheres, que a seguir foram enviadas à comunidade para anunciar aos irmãos, em primeira mão, a boa notícia da ressurreição (Jo 20,1-18; Mc 16,9; Mt 24,1-12). Em seguida, também apareceu aos discípulos, ora quando estavam reunidos na casa (Jo 20,19-23; 24-29), ora na labuta buscando peixes para o sustento (Jo 21,1-14), ora caminhando desconsolados para retornar ao que eram antes (Lc 24,13-35). A comunidade é ainda hoje o espaço privilegiado para o encontro com Jesus.

218. O Concílio Ecumênico Vaticano II colocou em destaque a natureza da Igreja como o corpo místico de Cristo. É na Igreja comunidade, espaço sagrado

para a vida de fé, que o Ressuscitado continua a se manifestar: “Cristo, Mediador único, constituiu e sustenta indefectivelmente sobre a terra, como organismo visível, a sua Igreja santa, comunidade de fé, de esperança e de caridade, e por meio dela comunica a todos a verdade e a graça”<sup>30</sup>. A comunidade de fé é uma segunda família para o verdadeiro cristão. Ela não anula sua família de sangue, ao contrário, a confirma, eleva, aperfeiçoa.

219. O Papa Francisco, ao apresentar seu programa de pontificado com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, afirmou que “a Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas”<sup>31</sup>. Ao conduzir o rebanho do Senhor nesta Arquidiocese também quero ser fiel a este mesmo espírito, fazendo da Igreja uma casa de portas abertas.

220. Os jovens têm o direito de ser acolhidos nesta Igreja de portas abertas. Somos chamados a conhecer suas alegrias, seus sonhos, suas aspirações, angústias, dúvidas e suas incertezas. Inspirada em Cristo Bom Pastor, a Igreja-Mãe precisa organizar-se, pastoralmente, para acolher os jovens, sobretudo,

---

30 CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 8.

31 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 47.

aqueles que são como a ovelha perdida, machucada, esquecida, abandonada. Uma comunidade que sabe acolher, torna-se uma segunda casa para os jovens, uma nova família que lhes dá vigor existencial, fá-los crescer na espiritualidade, ajuda-os a descobrir a alegria, o encanto para viver, intensamente, a vocação para a qual foram chamados.

221. A maturidade de uma comunidade de fé é atestada na sua capacidade de acolher com ternura e afeto um jovem que pensa diferente, sente-se diferente, age diferente, sonha diferente, mas busca o desejado, o escondido na sua alma, que faz seu coração bater mais forte, buscar o bem que não acaba, não passa. A comunidade deve ser amiga, mãe e mestra, casa que acolhe e ambiente que protege. As Pastorais, os Movimentos, os Serviços e as Associações são partes de uma comunidade madura e autêntica que segue e imita Jesus, o Mestre que ama, acolhe, incondicionalmente, como fez com a Samaritana sedenta do verdadeiro sentido da vida. A comunidade é chamada a abrir o coração, os braços, a mente para amar, acolher, proteger o jovem. Rezo a Deus para que os jovens vençam os obstáculos que se apresentam à vida, às vezes criados por eles mesmos, outras vezes pela própria Igreja que, em certas circunstâncias, insiste em permanecer de portas fechadas.

222. Creio na Igreja de portas abertas, creio nos

jovens que buscam segurança na comunidade com experiência de vida eclesial, sendo sal da terra e luz do mundo.

223. Cada comunidade de fé é responsável pela evangelização dos seus próprios jovens, por isso, os jovens já engajados devem ser os primeiros protagonistas do chamado de viver na comunidade a missão de evangelizar outros jovens: jovens, evangelizando jovens, em sua própria comunidade eclesial.

224. Cada comunidade eclesial precisa conhecer os jovens que moram em seu território e ir a eles e anunciar o Evangelho. Para isso, é necessário desenvolver um processo de evangelização, um caminho de meses, talvez de anos a fio, sem interrupção, de constante educação na fé para os jovens. Isso significa: cada comunidade precisa dedicar tempo, recursos, agentes, formular um itinerário de atração, acolhida; iniciação dos jovens na vida em comunidade, para que o processo de formação seja integral, como nos pede o Documento 85 da CNBB sobre a Evangelização da Juventude.<sup>32</sup>

225. O Setor Juventude precisa, urgentemente, elaborar processos de evangelização continuada para

---

32 CNBB, *Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais* – Documento 85, 96-115.

que as comunidades eclesiais tenham um suporte e itinerários eficazes à disposição para o trabalho missionário de evangelização da juventude.

226. É preciso lembrar que nem sempre conseguiremos atingir com eficácia a juventude nos seus ambientes específicos. Mas nem por isso nossa ação missionária vai deixar de lado as diversas realidades onde a comunidade eclesial tem pouca penetração ou nenhuma presença. Recordemos da juventude universitária, da juventude do ensino médio, do jovem que vive no mundo rural, nas pequenas, ou nas grandes cidades, da juventude empobrecida, de homoafetiva, dos jovens que são dependentes químicos, dos que estão encarcerados e vivem nas mais variadas periferias existenciais.

227. Para evangelizar os jovens precisamos trazer as realidades para o centro das nossas preocupações pastorais, tomando conhecimento das demandas do mundo juvenil, atentos às redes sociais, ao mundo das artes, da ecologia, do trabalho, assumindo o que eles têm a oferecer de melhor para nossa pastoral.

### *A Vocação*

228. O amadurecimento pessoal é fruto de um longo processo em nossa vida. É um percurso feito em

etapas contínuas, enriquecido a cada nova experiência, a cada novo aprendizado na fascinante aventura pela busca da realização pessoal e da felicidade. Mesmo aspirando fazer um caminho próprio, o jovem não ignora a possibilidade de inspirar-se em determinadas pessoas, tê-las como modelo. De fato, “a busca juvenil de ‘modelos’ e ‘referências’ é uma porta que se abre para o processo de evangelização. Aqui está a grande oportunidade de apresentar Jesus Cristo”.<sup>33</sup>

229. Somos seres humanos em busca contínua. Os jovens, que se caracterizam pelo seu grande vigor, pela sua explosão de vida, têm o direito de ser orientados com afeto, conduzidos com equilíbrio humano e espiritual, para que descubram com naturalidade e segurança sua verdadeira vocação, possam realizar os sonhos que portam em seus corações.

230. O apóstolo Paulo, escrevendo à comunidade de Éfeso, ensina que “Deus nos escolheu, antes da fundação do mundo, para sermos santos e íntegros diante dele, no amor” (Ef 1,4). O jovem pode até não saber, mas também ele foi chamado para viver a santidade, afinal, a vocação à santidade é comum a todos os cristãos. Quem se dispõe a evangelizar um jovem deve ajudá-lo a descobrir-se chamado a viver a santidade

---

33 CNBB, *Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais* – Documento 85, 53.



no mundo. Não vivemos nas nuvens ou escondidos das amarras da sociedade, somos parte do mundo que devemos transformá-lo, segundo o mandamento do amor ensinado por Jesus. A proximidade com pessoas e instituições que transpiram a evangélica experiência milenar da Igreja é um caminho seguro para o jovem aprender e assumir o evangelho como ponto de referência para o seu dia a dia e viver na santidade.

231. Na comunidade de fé o jovem se abre à dimensão do serviço, abre as portas do seu coração para colocar os seus dons e carismas, todo o seu jeito de “ser” a serviço da construção de um mundo conforme o Reino de Deus através da Igreja. Assim descobre que a vida santa proposta à comunidade eclesial consiste em ser feliz na relação consigo mesmo, com o outro, com Deus, com a criação.

232. O jovem precisa descobrir que, para ser feliz de verdade, também deve se importar com os outros, pois cada pessoa é um ser de relação, é imagem e semelhança de Deus. É na relação consigo mesmo e com o outro – Deus, a comunidade e a criação – que encontramos a chave de leitura que permite descobrir que Deus se faz presente em nossa vida através do seu Filho Jesus Cristo na graça do Espírito Santo, nos faz um chamado específico.

233. Introduzido na vida comunitária, o jovem é

motivado a discernir o seu chamado, dar uma resposta pessoal a Ele com a vida. Nesse momento, alguns assumem um jeito próprio de ser como cristãos leigos e leigas, constituindo uma nova família, contribuindo com a sociedade, enriquecendo o mundo com o dom da fé e do testemunho do evangelho. Outros assumem a identidade do discípulo missionário, que é capaz de deixar tudo, sua família, sua cultura e até mesmo o seu país, para levar a alegria do Evangelho para novos ambientes e espaços, muitas vezes em nações distantes.

234. Outros se sentem chamados para o diaconado permanente, servindo a Igreja, comunidade de fé, seguindo as pegadas de Jesus Cristo, servo de todos. Outros se sentem chamados para serem presbíteros, animadores de uma paróquia em tempo integral através da pregação da Palavra, dos sacramentos, do cuidado com os enfermos através da sagrada unção, sendo instrumento da misericórdia de Deus com a confissão, absolvição dos pecados, levando a bênção de Deus e uma palavra de conselho a todos.

235. Outros, ainda, se sentem chamados para abraçar a vida consagrada, na sua forma de vida contemplativa ou ativa. A vida consagrada contemplativa é vivida no escondimento dos mosteiros para o grande exercício da oração, da meditação e do serviço interno à humanidade no silêncio, no recolhimento,

no testemunho do amor incondicional a Jesus Cristo, que ora ao Pai por todos os que o seguem. A vida religiosa ativa é missionária e leva a Boa Nova para todos os recantos do mundo. Antes de tudo anunciam a Cristo pelo próprio testemunho de vida consagrada, vivendo em comunidade, exercitando-se ao serviço fraterno, perseverando na oração, doando a vida em serviços ligados à educação, à saúde, à comunicação e também à animação das pastorais. Em uma palavra, atualizando em nossos dias a experiência dos primeiros cristãos, que tinham tudo em comum e viviam em grande alegria (At 2,42-47).

236. A vocação cristã é um chamado à felicidade que passa pela descoberta de um modo de viver que encontra o seu sentido no serviço à humanidade, à sociedade em que vivemos. O sentido da vocação cristã não está no servir-se a si mesmo, mas no servir aos outros. A realização pessoal é alcançada e confirmada no serviço prestado às outras pessoas. A vocação cristã é um modo de “ser” no mundo que nos coloca a serviço da humanidade. E nisso a vocação se diferencia da profissão que é um modo de “fazer” as coisas, um trabalho a ser executado.

237. Diante disso, Papa Francisco faz uma provocação forte aos jovens: “arrisquem, mesmo que se equivoquem. Não sobrevivam com a alma anestesiada, nem olhem o mundo como se fossem turistas.

Façam barulho! Eliminem os medos que os paralisam para que não se transformem em jovens mumificados”<sup>34</sup>. Eu também desejo ardentemente que os jovens da Arquidiocese de Maringá possam encontrar-se a si mesmos, darem sentido às suas vidas, serem discípulos missionários do Senhor conforme a vocação que receberam, sejam sal da terra e luz do mundo.

238. Neste momento meu pensamento também se volta aos jovens que estão nos seminários e às jovens que estão nos conventos, fazendo o processo do amadurecimento vocacional, para a vida presbiteral e a consagrada. Quanto heroísmo, quanta coragem, quanto encanto, quanto sacrifício e quanta renúncia para imitar, no dia a dia, Aquele que deu a vida por toda a humanidade: nosso Senhor Jesus Cristo. Que os espaços de nossos seminários e casas de acolhida de vocacionados, sejam lugares de estima, de zelo, um bom ambiente para a bela experiência do discernimento vocacional.

239. Precisamos de ousadia e criatividade para descobrirmos novas maneiras de orientar os adolescentes, jovens que concluem o processo iniciático na catequese, agora se abrem para a dimensão do testemunho de vida cristã, conforme o chamado que receberam de Deus.

---

34 FRANCISCO, *Christus vivit*, 143.

240. Uma comunidade madura na fé jamais poderá omitir-se da tarefa de propor aos jovens um itinerário de discernimento vocacional. Por isso, se as nossas comunidades eclesiais forem bem sucedidas na evangelização da juventude, não faltarão vocações para a messe do Senhor. A vocação ao ministério ordenado ou à vida consagrada é uma extensão da oferta que o jovem fez de si mesmo servindo na comunidade e no mundo como fermento na massa. A entrega total é fruto de um comprometimento com a realidade, do serviço à humanidade. É no meio do seu povo que o vocacionado encontra a sua felicidade. Eis o sentido da vocação cristã.

241. Estimular para o serviço, a gratuidade, a beleza do compadecer-se pela vida fragilizada e abandonada são coisas que despertam no jovem uma vocação especial, que dá um sentido novo à própria existência. O olhar para a realidade com os olhos de Jesus, sensibiliza o jovem, o educa para ouvir o grito do desamparado. Por sua vez, um coração sensibilizado o leva a trabalhar com afinco, acolher, cuidar de quem sofre a exemplo do “bom samaritano”. Essa é a autêntica vocação, o autêntico sentido da vida que tantos jovens procuram.

## *A Profissão*

242. A juventude é um período da vida humana marcado por grandes buscas e muitas descobertas. O ser humano nasce, cresce, começa a desenvolver suas habilidades, descobre-se cheio de aspirações, busca realizar seus sonhos, mesmo quando atinge a maturidade não para de buscar, alimentar aquilo que dá sentido à vida. Tudo isso exige esforço, mas como disse o Papa Bento XVI na abertura da Conferência de Aparecida, “os jovens não temem o sacrifício, mas, sim uma vida sem sentido”. De fato, o jovem se sacrifica para realizar seus sonhos, alcançar a meta desejada. Nesse sentido, é comum encontrar jovens que se sacrificam intensamente, por exemplo, nos estudos, fazendo faculdade, à noite, e trabalhando de dia para sobreviver, mesmo que nem sempre recebam uma remuneração justa.

243. Por outro lado, também existem os jovens que não sabem cuidar da própria vida, lidar com as tensões e rejeições. Quem vive assim, muito provavelmente, terá dificuldades para realizar-se, plenamente, na vida. Precisamos ajudá-los a dar esse passo e libertar-se das amarras. Quanto a isso, o Documento de Aparecida ensina que os jovens “devem se comprometer por uma constante renovação do mundo à luz de Deus. Mais ainda: cabe-lhes a tarefa de opor-se às fáceis ilusões da felicidade imediata e dos paraísos

enganosos da droga, do prazer, do álcool, com todas as formas de violência”.<sup>35</sup>

244. A missão da Igreja é irradiar a luz divina às diversas instâncias da sociedade. Não vivemos isolados, muito menos descomprometidos com a situação de milhares e milhões de pessoas, que vivem as angústias do nosso tempo, muitas delas descartadas por uma sociedade que os veem apenas números, estatísticas econômicas.

245. Precisamos inverter a atual ordem das coisas, substituindo a massificação pela personalização em nossas relações, senão cairemos no vazio existencial, na falta de sentido em nossas vidas. O mesmo se diga dos jovens quanto ao seu direito inalienável de buscar caminhos e instrumentos de solidariedade, que respondam aos vazios humanitários tão presentes no mundo atual.

246. O Papa Francisco afirma que “todos os cristãos, incluindo os Pastores, são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor. É disso mesmo que se trata, pois, o pensamento social da Igreja é, primariamente, positivo e construtivo, orienta uma ação transformadora e, nesse sentido, é um sinal de esperança que brota do coração amoroso de

---

35 CELAM, *Documento de Aparecida*, 264.

Jesus Cristo”.<sup>36</sup>

247. Renascidos no seio de uma comunidade de fé, que nos ensina a viver uma espiritualidade libertadora, temos a oportunidade de dar um novo passo na vida, fazendo parte de uma família maior, não limitada a um mesmo sangue, mas aberta a uma mesma fé. Essa comunidade ajuda o jovem a contemplar a si mesmo, o mundo com novos olhos, a descobrir os dons que Deus lhe deu, na sua infinita misericórdia. Isso ajuda na descoberta das aptidões pessoais, na escolha da profissão. Assim, a profissão será uma fonte de satisfação, realização pessoal; o trabalho humano será uma maneira de prolongar na história a atividade criadora, ordenadora de Deus no mundo.

248. Por isso é muito importante que o jovem seja conduzido e orientado para descobrir não apenas uma profissão, também seu verdadeiro sentido. Somente, assim, o trabalho preencherá o coração humano de alegria, nos associará a obra da divina criação do mundo. E deste modo, a inteligência e engenho humanos não construirão um mundo sem Deus, mas sim um mundo para a maior glória, o louvor de Deus.<sup>37</sup>

249. Quando o jovem descobre os seus talentos e

---

36 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 21.

37 JOÃO PAULO II, *Laborem Exercem*, 26.



os coloca à disposição da sociedade, a ação humana contribui para o enriquecimento do mundo criado por Deus. Cada jovem é chamado a realizar grandes coisas na vida. Não podemos aceitar uma cultura que cale a sua voz, que os faça viver alienados em um mundo intimista. Ao transmitir-lhes a fé, também precisamos enchê-los de esperança e incentivá-los para que estudem, busquem o conhecimento, ocupem seu tempo livre com coisas positivas, preparem-se para a vida, para o mundo do trabalho, não tenham medo de serem felizes colocando os dons que Deus lhes concedeu a serviço de todos.

250. Assim como louvamos a Deus pela possibilidade de contribuir na obra da criação com o nosso trabalho, da mesma maneira nos entristecemos ao ver que muitos jovens não têm um trabalho digno, pois a crise institucional que perpassa na sociedade, tira de tantos jovens a oportunidade de estudar, escolher uma profissão que lhes traga a realização pessoal, lhes dê garantias de viver bem.

251. Não podemos esquecer que o trabalho é um direito social fundamental no Brasil, previsto no artigo 6º da Constituição Federal. Além disso, o trabalho é um direito humano reconhecido em diversos tratados e declarações internacionais. Por isso, não somente como cidadãos, também como cristãos devemos reivindicar iguais oportunidades de acesso ao trabalho

digno para todas as pessoas.

252. Estimados jovens, lembrem-se de que a busca e a descoberta da profissão são caminhos de realização pessoal. Através do trabalho, expressão de atividade criativa, meio de promoção do equilíbrio social, contribuímos com o bem do mundo. Deixem-se inspirar pelo testemunho dos jovens que estão se preparando bem para a vida profissional, já descobriram a alegria de uma autêntica vida humana e cristã.

253. Os desafios que devemos superar com o Setor Juventude:

- A perda do verdadeiro sentido religioso, provocado pela mistura de religiões alienantes; práticas intimistas de grupos tradicionalistas, compromete o amadurecimento espiritual dos jovens, impedindo-os de fazer uma escolha livre, de dar respostas adequadas para suas vidas;
- Famílias fragilizadas e expostas a toda categoria de necessidades são mais propensas a formar jovens com dificuldades de estabelecer um projeto de vida, que contemple as dimensões da formação humana integral: humano-afetiva, comunitária, espiritual e socio-política;
- O atual modelo de educação fragmentada impõe ao jovem uma formação deficiente e

tecnicista, onde o que importa é saber “apertar parafusos”. Falta maior qualificação ética e humanista em vista de uma profunda preparação para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com dignidade, alteridade cristã, cuidado pela vida do outro, o exercício da cidadania. O modelo de sociedade neoliberal desqualifica sonhos, impede o pleno desenvolvimento da pessoa humana, sobretudo dos jovens empobrecidos.

254. Avanços que precisamos alcançar:

- Tomar conhecimento, fomentar projetos de evangelização para as diversas realidades juvenis: jovens universitários, secundaristas, do meio rural, presidiários, dependentes químicos, homoafetivos etc.;
- Acompanhar os diversos grupos juvenis através do Setor Juventude, oferecendo-lhes serviços de acolhida, escuta, formação pastoral, direção espiritual, entre outras coisas necessárias para uma melhor evangelização dos jovens;
- Oferecer aos jovens processos de educação na fé que contemplem a formação humano-afetiva, comunitária, espiritual e sociopolítica.

## 2.3 Comunicação

255. Somos uma Igreja que comunica o que crê, o que vive e o que espera. Depois do chamado Concílio de Jerusalém, Paulo e Timóteo percorriam as cidades e transmitiam as decisões que os apóstolos e anciãos haviam tomado e recomendaram que fossem observadas. Deste modo, as comunidades se fortaleciam na fé e na esperança e a Igreja crescia em número de fiéis (cf. At 16,4-5).

256. “Acolher e cuidar” exige um olhar fraterno para todas as pessoas com suas alegrias, suas tristezas e seus limites. O olhar, a voz, os gestos, a ternura e o compromisso com a verdade são instrumentos decisivos para uma comunicação autêntica e eficaz.

257. A Comunicação na Arquidiocese deve ser como uma árvore que faz circular a seiva vital das raízes até as folhas para que bons frutos sejam produzidos. A seiva da árvore representa para nós o Evangelho que deve ser comunicado de maneira livre e perceptível em toda a sociedade, para que a ação evangelizadora da Arquidiocese de Maringá transmita a verdade que é Cristo e gere frutos de vida nova. A comunicação é uma coisa necessária para o ser humano e deve acontecer de forma natural em todas as instâncias da vida eclesial, contribuindo que a Boa-Notícia seja acolhida como fermento na massa, o mundo

seja transformado em ordem ao Reino de Deus.

258. Queremos incentivar cada vez mais a organização, a estruturação e a definição de serviços que fortaleçam o Setor Comunicação na Arquidiocese de Maringá, mediante uma equipe eficiente, participativa, aberta à sinodalidade. O trabalho de comunicação requer preparo técnico e constante atualização, pois, assim, como as inovações tecnológicas surgem rapidamente, do mesmo modo surgem novas estratégias nos meios de comunicação. E isso exige de toda a Igreja arquidiocesana atenção constante às novas tendências, com recursos para cumprir sua missão, satisfatoriamente.

259. Antes de abordarmos especificamente os meios de comunicação audiovisuais ou impressos, é preciso destacar a importância da Pastoral dos Surdos, sendo um elemento fundamental para evangelização dos nossos irmãos impossibilitados de ouvir. O trabalho desta pastoral dos surdos é um verdadeiro exemplo de comunicação a serviço da transmissão da fé, da inclusão eclesial e social. É com maior apreço, gratidão que vemos esta pastoral consolidada, a serviço da evangelização.

260. A Pastoral da Comunicação (PASCOM) é um serviço realizado em nossas paróquias para acontecer a comunicação na vida da Igreja. Essa pastoral tem

a missão de levar a mensagem salvífica de Cristo a todas as pessoas. No âmbito eclesial, exerce um papel importante como ponte entre a Igreja e as pessoas idosas, os doentes, todos que estão impossibilitados de participar presencialmente das celebrações e de outras atividades da comunidade. Atualmente é inegável que mídias digitais paroquiais tenham uma grande importância na evangelização dos fiéis, seja gerando espaços de acolhida e conforto espiritual, seja levando informação, conhecimento.

261. Na Arquidiocese temos diversos instrumentos de comunicação a serviço de nossas paróquias, oferecendo informação sobre as nossas atividades e formação sobre a nossa fé, transmitindo as mais diversas ações litúrgicas, pastorais, bem como, oferecendo entretenimento e serviços de interesse comum a toda sociedade.

262. A Rádio Colmeia, a TV Terceiro Milênio (atualmente confiada a terceiros), a Revista Maringá Missão, o site [arquidiocesedemaringa.org.br](http://arquidiocesedemaringa.org.br), o canal da Arquidiocese no *YouTube*, seus perfis no *Facebook*, no *Twitter* e no *Flickr*, bem como o serviço de Assessoria de Imprensa, são os preciosos instrumentos de evangelização que nos auxiliam na promoção, na comunicação da fé. É nossa missão comunicar o que evangelizamos, preencher os espaços da mídia com aquilo que cremos, celebramos para formar juízos de

valor, segundo os princípios da ética, do Evangelho.

263. Faz parte ainda da missão da Igreja participar do debate social e dar sua contribuição na construção de uma sociedade justa, fraterna em que todos tenham acesso ao bem comum, inclusive, através dos meios de comunicação.

264. A Igreja crê na democratização dos meios de comunicação social, na importância de divulgar informações verdadeiras. Por isso, apoia o combate às falsas notícias (*fake news*) que confundem e manipulam a opinião das pessoas, gerando uma sociedade conduzida pela mentira, destrói pessoas e instituições. No momento em que a verdade deixa de ser comunicada, as notícias falsas começam a tomar conta da cabeça das pessoas que então se perdem, se atrapalham, como consequência disso, a sociedade passa a ser conduzida pela mentira, o sistema democrático se degrada. Com a mentira não se brinca, pois ela não vem de Deus, mas do Diabo que é “mentiroso e pai da mentira” (Jo 8,44). Por isso, os meios de comunicação de nossa Arquidiocese devem estar a serviço da verdade, da transparência, da ética, da honra, da vida.

265. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, ensina que “neste tempo em que as redes sociais e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos,

sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o abraço, apoiar-nos, participar desta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada”.<sup>38</sup>

266. Portanto, estimados irmãos e irmãs em Cristo, precisamos ter ousadia, aprimorar os serviços de comunicação na Arquidiocese. Isso é um passo indispensável para comunicar a um número sempre maior de pessoas a misericórdia, a justiça, a paz, a partilha e o amor mais rapidamente. Não podemos ficar parados, pois os filhos das trevas são muito espertos (cf. Lc 16,8) e usam os meios de comunicação de forma egoísta para promover o consumo, aumentar seus lucros, gerar divisões e manipular as opiniões. Nós, ao invés disso, somos chamados a propagar os valores que nos unem, fortalecem na arte do cuidado e da proximidade que gera vida.

## **Ameaças e possibilidades**

267. O serviço de Comunicação precisa estar em constante alerta no que se refere:

- Às falsas notícias e manipulação das consciências;

---

<sup>38</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 87.



- À instrumentalização e mercantilização da fé;
- À propagação do ódio e da violência.

268. As forças positivas da verdadeira comunicação cristã se fortalecem com:

- O planejamento estratégico;
- A ousadia, a transmissão pura e simples da verdade;
- A Comunicação do Evangelho com espírito de comunhão eclesial.

269. Através da Comunicação, a Igreja também informa e forma as pastorais, as forças vivas da evangelização a partir da Doutrina Social da Igreja e, com isso, presta um serviço humanitário à sociedade, contribuindo com a consolidação da autêntica democracia.

#### *2.4 Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades*

270. A missão da Igreja é fomentar a fé de seu povo para a íntima comunhão com Deus. Todos os batizados são responsáveis para que um número cada vez maior de fiéis chegue ao conhecimento da verdade evangélica, seja anunciador da salvação em Jesus Cristo. O *Concílio Vaticano II* ensina que “a Igreja nasceu para que, dilatando o Reino de Cristo por toda a terra para glória de Deus Pai, torne os homens

participantes da redenção salvadora e por meio deles todo o mundo seja efetivamente ordenado para Cristo”.<sup>39</sup>

271. Os caminhos que conduzem à salvação em Cristo são diversos, mas convergentes. Entre eles apontamos a ação evangelizadora através das pastorais, com os serviços cotidianos como a catequese, as celebrações litúrgicas, os grupos de reflexão, os movimentos eclesiais, as novas comunidades, as associações laicais, entre outros. Tudo isso enriquece a vida comunitária e aprofunda a espiritualidade cristã dos membros da comunidade.

272. O Espírito Santo é quem age na comunidade impulsionando o trabalho pastoral, inspirando novos carismas, por isso ao longo da história da Igreja, inúmeros grupos, comunidades, experiências de vida e de fé, testemunharam o seguimento a Jesus Cristo, enriquecendo a vida da Igreja com novas expressões religiosas. A história da espiritualidade cristã está repleta de bons exemplos de pessoas e grupos que ajudaram a valorizar novos elementos na vivência da fé cristã.

273. O Concílio Vaticano II, falando sobre o apostolado dos leigos, afirma que “inseridos no corpo

---

39 CONCÍLIO VATICANO II, *Apostolicam Actuositatem*, 2.

místico de Cristo pelo batismo e robustecidos pela virtude do Espírito Santo na confirmação, os leigos são deputados pelo próprio Senhor para o apostolado. São consagrados como sacerdote real e povo santo (cf. 1Pd 2, 4-10), a fim de oferecerem, por meio de todas as obras, hóstias espirituais, e darem testemunho de Cristo em toda a parte. Além disso, pelos sacramentos, sobretudo pela Santíssima Eucaristia, é comunicada e alimentada aquela caridade que é como que a alma de todo o apostolado”.<sup>40</sup>

274. A Igreja é um corpo harmonioso; tem Cristo como cabeça e é vivificado pela graça do Espírito Santo. A partir disso, fica claro que o apostolado dos leigos deriva da união destes com Cristo cabeça a partir do batismo. E a Igreja os acolhe nos seus braços amorosos, regada pela caridade fraterna, e mantenedora de todos os carismas, por ser a figura do corpo místico comandado por Jesus Cristo.

275. Como Bispo, eu me alegro com a presença de tantos Movimentos Eclesiais, Serviços, Associações e projetos de apostolado laical em nossa Arquidiocese. Esses Movimentos, unidos ao seu pastor, fazem um grande bem à vida da Igreja diocesana. Por isso, louvamos e bendizemos a Deus pela existência do Movimento de Cursilhos de Cristandade, do Movimento

---

40 CONCÍLIO VATICANO II, *Apostolicam Actuositatem*, 3.

Familiar Cristão, do Apostolado da Oração, do Terço dos Homens, da Congregação Mariana, da Sociedade São Vicente de Paulo, da Renovação Carismática Católica, dos Focolares, da Mãe Peregrina de Schoenstatt, da Oficina de Oração e Vida, do Projeto Mais Vida, da Associação Nossa Senhora de Sião, do Apostolado Eucarístico da Divina Misericórdia, da Escola de Evangelização Santo André, do Enchei-vos, dos Encontros de Casais com Cristo e dos Encontro Matrimonial Mundial, dentre outros.

276. A Conferência de Aparecida reconheceu a importância dos Movimentos Eclesiais e associações de cunho eclesial. Isso, para nós, é motivo de muita alegria e esperança. Desejamos que cada um esteja inserido na caminhada pastoral da ação evangelizadora, em verdadeira comunhão com a Igreja Particular de Maringá, a partir dos nossos planos de pastoral, pois não há Igreja Católica Apostólica Romana fora da comunhão eclesial diocesana.

277. Sobre a relação entre os carismas dos movimentos e a comunhão com a diocese, o Documento de Aparecida ensina: “Para aproveitar melhor os carismas e serviços dos movimentos eclesiais no campo da formação dos leigos, desejamos respeitar seus carismas e sua originalidade, procurando que se integrem mais plenamente na estrutura originária que

acontece na diocese”.<sup>41</sup>

278. É verdade que um Movimento nasce com o intuito de renovar a fé das pessoas, mas nem por isso está isento de desgaste e de ser superado pelo tempo. Recomendamos aos Movimentos Eclesiais e Associações que estejam “cansados”, que encontrem em nossa caminhada pastoral as forças para revigorar o seu carisma, redescobrir o encanto pela evangelização, sendo sal da terra e luz do mundo em nossa Arquidiocese.

279. As rápidas mudanças no mundo atual exigem o rejuvenescimento dos Movimentos Eclesiais e Associações para que acompanhem as mudanças de nossos dias, não ficando à margem das transformações culturais como grupos obsoletos na vida eclesial. As mudanças devem acontecer de forma natural conforme as orientações do Magistério Pontifício e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB.

280. É fundamental deixar o Espírito Santo conduzir a Igreja. É ele que ao longo dos tempos inspira novas formas, práticas e modos para anunciar e viver o Evangelho, com entusiasmo e caridade. A Boa Nova é e sempre será Boa Nova, por isso mesmo não pode ser encarcerada no saudosismo dos tempos passados, que criam dificuldades para a ação do Espírito Santo

---

41 CELAM, *Documento de Aparecida*, 313.

nos tempos atuais.

281. A Igreja como Mãe e Mestre sabe quais passos é preciso dar e quais perigos deve evitar para não permanecermos estacionados, colocarmos em risco a verdadeira fé. Por isso, sejam dóceis ao Espírito Santo, ao Magistério da Igreja, de modo que a presença dos movimentos eclesiais e associações sejam sempre fontes de alegria na ação evangelizadora e espaços de convivência fraterna em nossa Igreja Particular. A Sagrada Escritura confirma nossa autoridade apostólica ao recomendar o discernimento no Espírito Santo: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,7).

282. É a Igreja na sua sinodalidade, em benefício da comunhão fraterna, quem determina o que será aceito, assumido, adotado e acolhido entre nós no que se refere aos novos Movimentos Eclesiais, às novas comunidades, às novas associações laicais e outras entidades de natureza semelhante que desejam se instalar em nosso território diocesano. O bom discernimento é porta aberta para que em espírito de colegialidade, seja vivida a fraternidade solidária na ação evangelizadora nesta Igreja Particular.

283. Somos favoráveis e receptivos às expressões eclesiais que tenham verdadeiramente sua origem na ação do Espírito Santo, estejam dispostas a animar,

alegrar e renovar nossa amada Igreja Particular. Em comunhão com as pastorais de forma colegiada com o clero diocesano – presbíteros e diáconos – em diálogo com os religiosos, religiosas e a participação dos cristãos leigos e leigas, desenvolveremos uma bela, entusiasmante missão para levar o Evangelho a todas as camadas da sociedade.

284. E, assim, cada carisma torna-se uma riqueza, uma força evangelizadora através da vivência da fé, do testemunho de Cristo, contribuindo com o processo de conversão de toda a humanidade. “Então, os discípulos foram anunciar por toda parte. O Senhor cooperava, confirmando a palavra pelos sinais que a acompanhavam” (Mc 16,20). Que todos os batizados sejam cooperadores do Senhor nesta Igreja sinodal, acolhendo os sinais da verdadeira conversão pessoal e comunitária, ao perceber que o Reino de Deus está acontecendo em nossas terras.

## **Ameaças e possibilidades**

285. Desafios que devemos superar na acolhida e cuidado dos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades em nossa Arquidiocese:

- Em tempos de rápidas mudanças culturais constata-se o perigo do estacionar na caminhada pastoral, assumir práticas

ultrapassadas ou saudosistas, travando o processo do anúncio da Boa Nova nos tempos atuais;

- Desprezo pela caminhada diocesana e supervalorização dos modismos eclesiais;
- Vaidade espiritual, desprezo pela caminhada da própria comunidade, isolando-se, desrespeitando a hierarquia da Igreja, desde o padre da paróquia, ao bispo na diocese, até mesmo o Santo Padre, o Papa Francisco.

286. Avanços que precisamos alcançar:

- Acolher os movimentos e as novas comunidades em espírito de sinodalidade para caminharmos juntos;
- Docilidade para acolher o que o Espírito fala à Igreja, participando da construção do planejamento pastoral, da sua execução na Igreja Particular;
- Fortalecer a vida de oração para que toda a ação evangelizadora tenha o sabor, segurança da assistência do Espírito Santo.



### **3. Iniciação à Vida Cristã e Formação Permanente**

287. Ao longo da sua fecunda história, a Igreja sempre preparou pessoas com alta qualificação intelectual e espiritual para contribuir com a cultura da época, suprir as necessidades da sociedade e da Igreja nas mais variadas áreas, no vasto e complexo mundo da evangelização, anunciando Jesus Cristo e seu Reino no mundo da saúde, da educação, das artes, da cultura, da música, do esporte, da comunicação, no campo e na cidade com suas periferias, no mundo do trabalho, da política, numa palavra onde estivesse o ser humano, ali, a Igreja se fez presente.

288. Ainda hoje é função da Igreja marcar presença nesses ambientes para acolher, amparar e encorajar seus filhos e filhas à renovação constante da sociedade em vista do Reino de Cristo. Também, aqui, a evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-os a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28,19-20).

289. Estejamos atentos ao mandato do Senhor: “ensinai-os a observar tudo o que vos tenho ordenado”. Eis o desejo de Jesus Cristo! Eis a missão da Igreja! Está aqui a nossa tarefa de prepararmos cristãos

leigos e leigas, religiosas e religiosos, diáconos e presbíteros através de um processo de formação permanente que fortaleça a comunhão eclesial e se abra para a dimensão sinodal. Quando o Povo de Deus é bem formado caminha com mais segurança pelas estradas do mundo, ilumina a todos como um farol em noite escura, apontando a estrada que conduz ao Reino dos Céus.

290. O Povo de Deus se mantém revigorado quando seus membros, que formam o corpo eclesial, são alimentados pela seiva da vida, que é a Palavra da verdade, oferecida a nós pelo próprio Jesus Cristo, que é a cabeça da Igreja. Jesus Cristo confiou aos apóstolos a missão de fazer circular a seiva da Palavra de Deus no mundo. Hoje cabe a nós, como sal da terra, luz no mundo e fermento na massa, levar a Palavra de Deus a todas as criaturas. Para isso é preciso potencializar, urgentemente, as forças vivas da Igreja num espírito sinodal, pois o bom êxito da missão depende também do nosso testemunho de comunhão.

### *3.1 A Iniciação à Vida Cristã*

291. A Arquidiocese de Maringá está situada em um ambiente social marcado pela cultura cristã. Somos um povo cristão e, majoritariamente, católico. Longe de nos oferecer tranquilidade, essa constatação

nos impõe responsabilidades, porque o nosso modo de viver, de agir e de educar deve estar fundado na verdade, nos princípios basilares da cultura cristã. Infelizmente, constatamos que muitos cristãos ainda vivem a fé de maneira superficial e sacramentalista, considerando os sacramentos e as bênçãos como uma espécie de rito mágico. Coisas desse tipo estão presentes no inconsciente coletivo popular e são o resultado de uma evangelização deficiente nos tempos de outrora. Não faltam batizados que não vivem na fé as consequências da graça batismal, até mesmo se distanciam da comunidade cristã. Precisamos reverter esse quadro!

292. A experiência das primeiras comunidades cristãs, transmitida pelo livro dos Atos dos Apóstolos, é o nosso modelo e ilumina nosso agir diante do grande desafio. Precisamos aprender com as ações de Pedro e de Paulo na Igreja nascente, quando aquelas cidades da Palestina e do Império Romano ainda não estavam evangelizadas. As primeiras comunidades nos apresentam uma Igreja que sabe perseverar na oração, na fração do pão, na doutrina dos apóstolos, na vida em comum, no testemunho de caridade, de modo que a comunidade cristã era responsável por tudo e todos. A Igreja nascente é toda ela ministerial, os diversos ministérios ordenados e não ordenados estavam, igualmente, orientados para a edificação da comunidade, para a evangelização.

293. Olhando para as primeiras comunidades e pensando na realidade da nossa Arquidiocese, precisamos, urgentemente, nos interrogar: Como transmitir, eficazmente, a fé às gerações vindouras? Como oportunizar a iniciação à vida cristã para os adultos, que estão fora da comunidade eclesial, procuram a Igreja somente para receber os sacramentos que lhes faltam, mas depois vão embora e, dificilmente, voltam? Como ajudar os pais no processo de transmissão e educação na fé dos seus filhos? Não temos uma receita pronta, mas já sabemos que os nossos processos catequéticos precisam ser mais mistagógicos, bíblicos, comunitários e doutrinários. Para termos uma evangelização de base mais eficaz precisamos melhorar a nossa catequese, especialmente, aquela destinada aos adultos.

294. Nossas perguntas não se limitam ao âmbito da catequese, pois também na liturgia temos enormes desafios: Como celebrar o mistério pascal de Cristo de modo que ele tenha uma maior incidência em nossa vida no dia a dia? Como ajudar nossas assembleias litúrgicas a celebrar de maneira ativa, consciente e frutuosa o mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus? Precisamos lembrar que a celebração da Santa Missa é uma ceia sacrificial que deve ser celebrada com decoro e dignidade, sem ostentação e criatividade selvagens, levando toda a assembleia ser parte atuante como membros do corpo místico de Cristo.

295. Enfim, é inegável que o Povo de Deus precisa ser bem formado para que seja realmente sal da terra e luz no mundo, fermento de Evangelho nas diversas realidades em que estão inseridos, tanto em âmbito intraeclesial, quanto em âmbito extraeclesial. Mas também aqui surgem as perguntas: Como a Igreja poderia ter uma forte e significativa presença no mundo da educação, da saúde, das comunicações, do esporte, da cultura, das artes, da economia e da política? Eis as muitas inquietações que exigem de nós respostas urgentes e apropriadas.

### *3.2 A Formação Sistemática e Permanente*

296. Considero muito importante estimular os padres, diáconos, religiosos e religiosas, cristãos leigos e leigas, para elaborarmos juntos um consistente e amplo programa de formação permanente para todo o povo de boa vontade. Penso que devemos reforçar iniciativas já existentes, criar propostas de ensino teológico-pastoral, sobretudo para o laicato. Assim poderemos formar melhor nossas lideranças paroquiais para as diversas frentes de missão, preparando-os para os desafios da evangelização em nossas comunidades. Uma formação como essa deve contemplar conteúdos não somente de cunho teológico, ou seja, bíblico, eclesiológico, catequético, litúrgico, canônico

com uma acurada atenção à teologia do laicato e à Doutrina Social da Igreja, mas aos conteúdos próprios das ciências jurídicas e humanas, como a filosofia, a ética, a psicologia etc.

297. Todos são chamados a fazer parte deste projeto. A formação que desejamos será oferecida de portas abertas a todas as pessoas que exercem algum tipo de liderança em nossas comunidades. Aliás, recomendamos vivamente às nossas lideranças que de tempo em tempo façam novos cursos pastorais, sendo possível também cursos de pós-graduação, para que se mantenham atualizados quanto aos conteúdos teológico-pastorais, tenham melhores condições de responder aos novos desafios, que se impõem à evangelização. Nesse ponto abro um parêntese: é importante estarmos atentos aos conteúdos ensinados em nossos centros de formação, para que tudo possa convergir de forma harmoniosa às mesmas metas e objetivos que tanto almejamos alcançar num futuro próximo.

298. Além disso, também é preciso estarmos atentos às inoportunas experiências teológicas e práticas pastorais que entram em contraste com a caminhada pastoral de nossa Arquidiocese, haja vista que em nada agregam à formação do Povo de Deus no espírito do Concílio Vaticano II, pelo contrário, muitas vezes são, abertamente, contrárias ao espírito conciliar. Para superar esse tipo de postura é imprescindível

que todos, com espírito de sinodalidade e comunhão eclesial, assumam verdadeiramente as diretrizes emanadas pelo Plano de Pastoral, amplamente discutido e aprovado em Assembleia Arquidiocesana e executado sob os cuidados da coordenação da Ação Evangelizadora da nossa Igreja Particular.

299. Essa mesma orientação serve para as grandes concentrações religiosas, ou seja, para os shows, os encontros de massa, os congressos e palestras, que poderão ser realizados em nossa Arquidiocese mediante criteriosa avaliação e acompanhamento, cuja finalidade será promover o aprofundamento e a unidade doutrinal diocesana e, bem como, avaliar a conveniência pastoral da realização de eventos como esses.

300. A formação sistemática e permanente deverá zelar pelo rumo de toda a ação evangelizadora de nossa Arquidiocese, para superar as deficiências da prática cristã dos batizados que perderam o vínculo eclesial, doutrinal, espiritual, moral e ético com a Igreja. A Igreja é mãe; está de braços abertos para acolher todas as pessoas, pois prolonga na história a ação missionária dos apóstolos, que, em fidelidade e obediência ao mandato de Jesus, saíram para anunciar o Evangelho, fazer discípulos entre todas as nações.

301. Saibam todos que ainda há uma multidão à nossa espera. É a essas pessoas que devemos

apresentar com ternura toda a beleza da Boa Nova de Jesus Cristo. A arte de anunciar o Evangelho requer de nós disponibilidade, coragem e formação teológico-pastoral apropriada para que sejamos capazes de entrar em diálogo com as pessoas partindo das suas aspirações mais profundas e conduzi-las até Cristo. Deste modo o nosso trabalho missionário seja eficaz e promissor. Tenhamos a certeza de que o convite feito a cada um de nós é um chamado do próprio Jesus Cristo, de que seremos assistidos, sustentados pelo Espírito Santo na missão de construir uma Igreja em saída.

302. O Papa Francisco nos encoraja a seguir por esse caminho desde o início do seu pontificado: “vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar altos. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar de tudo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo”.<sup>42</sup>

303. Essas palavras do Papa confirmam nossa solicitude pastoral com o laicato. Pois formação

---

42 Papa Francisco, Entrevista ao Pe. Antonio Spadaro, *Casa Santa Marta*, 19 de agosto de 2013.



teológico-pastoral aos cristãos leigos e leigas exige de nós – pastores da Igreja – atenção especial e orientações claras para desenvolver uma missão que em primeiro lugar esteja mais preocupada em evangelizar o mundo do que apontar seus pecados. Nesse campo encontramos uma vasta gama de possibilidades, nem todas são consistentes e autênticas.

304. Enfim, nossa ação evangelizadora deve ser permeada pela verdade e pela busca do bem comum, também deve ser desenvolvida com habilidade e inteligência para identificar, discernir os perigos das ideologias massificantes e manipuladoras. A Igreja, para cumprir a missão de ser sal da terra e luz no mundo, precisa conseguir dialogar com a sociedade. Mas no diálogo não pode renunciar a ampla visão de conjuntura, do senso crítico iluminado pelos valores do Evangelho.

## **Ameaças e possibilidades**

305. Os desafios que devemos superar com a Formação Sistemática, Permanente em nossa Arquidiocese:

- Formações fragmentadas, indiferentistas e unilaterais;
- Risco do devocionismo e espiritualismo mundano;

- Deixar-se conduzir por ideologias políticas e pela manipulação do poder financeiro.

306. Passos/avanços que precisamos dar:

- Revigorar os estudos bíblico-teológicos, os grupos de reflexão, fortalecer as CEBs, proporcionar novos encontros e espaços de estudo, aprofundamento para a promoção da Igreja doméstica, através de um programa formativo consistente, eficaz na formação de lideranças para as nossas comunidades;
- Destaque a um jeito de celebrar, que contemple a meditação de Deus agindo no coração dos fiéis; celebrações que fortaleçam a dimensão comunitário da fé em Jesus Cristo;
- Desenvolver um processo de progressivo aprofundamento nas diversas áreas teológico-pastorais, para a curto e médio prazo termos assessorias especializadas.

307. “O amadurecimento no seguimento de Jesus, a paixão de anunciá-lo requerem que a Igreja Particular se renove, constantemente, em sua vida e ardor missionário”<sup>43</sup>. Por isso, precisamos oferecer, eficazmente, um programa de formação diocesano, dar mais consistência teológico-pastoral à nossa Igreja Particular.

---

43 CELAM, *Documento de Aparecida*, 167.

#### **4. Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB): um organismo da Vida Consagrada**

308. Graças a Deus, podemos contar com muitas pessoas vocacionadas à vida religiosa, para a missão no vasto campo da evangelização na Arquidiocese de Maringá. Seria exaustivo enumerar os muitos benefícios recebidos através do anúncio da Boa Nova, as imensuráveis conquistas que o povo de Deus nas terras do noroeste do Paraná alcançou com o estabelecimento da cultura religiosa, que esses consagrados nos legaram. De fato, a natureza da vida religiosa que se manifesta no seguimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo os conselhos evangélicos de obediência, castidade e pobreza, é uma riqueza, também uma força evangelizadora que inspira o autêntico testemunho de vida cristã a partir da vida fraterna, do serviço aos mais pobres.

309. O Concílio Vaticano II, recordando a todos as origens da vida religiosa, afirma que “a autoridade da Igreja, sob a direção do Espírito Santo, cuidou de interpretar esses conselhos [evangélicos], regular a sua prática e determinar também formas estáveis de os viver. Daí derivou que, à maneira de árvore que se ramifica admirável e frondosa no campo do Senhor, a partir de semente lançada por Deus, se foram desenvolvendo várias formas da vida eremítica ou vida em comum e várias famílias religiosas, que de modo

estável contribuem tanto para o aperfeiçoamento dos seus membros, como para o bem de todo o corpo de Cristo”.<sup>44</sup>

310. E dirigindo-se, especificamente, aos consagrados, exorta “os que professam os conselhos evangélicos, busquem e amem mais que tudo a Deus, que primeiro nos amou (cf. 1Jo 4,10); procurem em todas as circunstâncias cultivarem a vida escondida com Cristo em Deus (cf. Cl 3,3), da qual dimana e recebe estímulo o amor do próximo para a salvação do mundo, a edificação da Igreja”.<sup>45</sup>

311. A vida religiosa se concretiza no exercício do serviço humilde, simples e “escondido”, para que os mais necessitados possam sentir-se acolhidos e amparados. A marca registrada de tantos homens e mulheres que fazem parte da vida religiosa consiste na doação das suas próprias vidas, para que o povo de Deus tenha vida.

312. A vida consagrada é vivida na oração, na pobreza e no serviço ao próximo. Para um consagrado, a vida fraterna é o lugar em que se aprende e se vive as virtudes humanas e cristãs, é o lugar da felicidade. Isso faz da comunidade dos consagrados um lugar

---

44 CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 43.

45 *idem*, *Perfectae Caritatis*, 6.

muito diferente da sociedade atual onde reina o individualismo, a sede de riqueza, o desejo de acumular bens materiais e a busca de prestígio e poder. O evidente contraste da vida religiosa com as realidades do mundo reafirma a dignidade e o valor da vida cristã aos moldes do Evangelho, vivida com simplicidade e alegria.

313. A vida religiosa é marcada pelo esforço diário, para viver uma vida humilde, seguindo Jesus Cristo pobre, obediente e casto. A um consagrado, que depositou sua vida nas mãos de Deus com confiança, não lhe falta nada, a não ser viver cada vez mais unido a Jesus Cristo, servindo a humanidade no mundo da educação, das comunicações, da saúde, nos serviços sociais de caridade, nas pastorais etc., em nome da Igreja, em conformidade com as necessidades da paróquia em que reside, segundo a caminhada pastoral arquidiocesana.

314. Um dos princípios básicos da vida religiosa é fomentar a Igreja doméstica nas paróquias, consolando e curando as feridas das pessoas da cidade ou do campo, sendo presença da Igreja junto aos ribeirinhos, acolhendo as crianças nas creches e nas escolas, acompanhamento aos jovens nos centros de acolhida, tratando das pessoas nos hospitais e casas de recuperação, cuidando dos idosos nos asilos. Esses são alguns dos ambientes naturais em que os religiosos e

religiosas doam suas vidas com leveza, com graça e de graça, servindo a Deus de alma e coração.

315. Historicamente, a presença da vida consagrada na Arquidiocese de Maringá está associada a várias frentes de missão, tanto na construção quanto na manutenção de escolas, igrejas, hospitais, asilos, casas de acolhimento. Além disso, muitas das nossas paróquias tiveram religiosos e religiosas como seus pastores por longos anos. A cultura cristã viva em nosso meio, ainda hoje, também foi construída com uma grande parcela de colaboração destes nossos irmãos e irmãs, alguns, ainda presentes em nosso meio, com o corpo marcado pelo peso dos longos anos, outros, já coroados de glória, intercedendo por nós no céu.

316. Tendo tomado conhecimento do comprometimento pastoral da vida consagrada em nossa arquidiocese, salientamos sua grande contribuição e o enriquecimento que eles ofereceram à ação evangelizadora, também aos nossos dias. Sua presença nos mais diversos campos de missão, também nas nossas paróquias é motivo de alegria e esperança para a ação pastoral, pois a especificidade dos seus carismas favorece a penetração do evangelho em ambientes, que nem sempre nossas pastorais paroquiais conseguem atingir, como por exemplo, as escolas, os hospitais, as faculdades e universidades.

317. A Arquidiocese de Maringá necessita ser sempre mais enriquecida com o testemunho de homens e mulheres que vivem intensamente os conselhos evangélicos na forma de vida consagrada. Como discípulos missionários, os consagrados e consagradas são anunciadores privilegiados do Evangelho da alegria, da simplicidade e do acolhimento em nossas comunidades eclesiais, somando forças na execução da evangelização de nossos fiéis.

318. Nesse momento, não posso fazer outra coisa que repetir a cada consagrado e consagrada, que estão em nossa Arquidiocese, a exortação do Concílio Vaticano II: “Esforce-se cuidadosamente todo aquele que foi chamado à profissão dos conselhos evangélicos, por perseverar e se distinguir na vocação a que foi chamado por Deus, para maior santidade da Igreja e maior glória da Trindade, una e indivisa, que, em Cristo e por Cristo, é a fonte e origem de toda a santidade”. Queridos consagrados, sejam perseverantes e fiéis ao carisma que abraçaram, pois ele é uma riqueza para a Igreja de Jesus Cristo.<sup>46</sup>

## **Ameaças e possibilidades**

319. Desafios a serem superados pela vida

---

46 CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 47.

religiosa em nossa Arquidiocese:

- O fechamento institucional não estaria abafando o carisma das congregações e impedindo a atração de novas vocações para a vida consagrada?
- Compreensão equivocada do carisma e da radicalidade evangélica;
- A busca da felicidade e o sentido da vida, segundo a lógica da atual sociedade de consumo, enfraquecem a busca dos valores cristãos próprios da vida consagrada.

320. Passos que precisamos dar:

- Enfatizar o sentido da vida comunitária e da espiritualidade libertadora conforme os carismas fundacionais das congregações;
- Adotar um estilo alegre, simples, presente, atuante no seio da comunidade, revelando a alegria que o carisma original proporciona à vida religiosa;
- Ser presença marcante nos meios pastorais nos novos areópagos onde a Igreja de Maringá ainda tem dificuldade de se fazer presente.

321. A beleza do testemunho da vida consagrada reside no seu total despojamento, na entrega, na liberdade de ir e vir conforme inspirar o Espírito Santo de Deus. Diferentemente do mundo que estimula



sempre mais a busca da fama, do poder, da posse e do prazer sem limites, a vida consagrada faz opção pela entrega total e pelo despojamento evangélico a exemplo do Mestre de Nazaré, que nem sequer tinha onde reclinar a cabeça (cf. Mt 8,20).

# CONCLUSÃO

322. Chegando ao final desta carta o que mais eu poderia dizer a vocês, meus queridos diocesanos, temos um longo caminho para percorrer? Precisamos escutar o que a Palavra de Deus tem a nos dizer. Em meio a tantos ruídos precisamos aprender a fazer silêncio para que o nosso coração se acalme diante da voz do Espírito, possamos, obedientemente, entender que Jesus caminha conosco, partilha seu Corpo e seu Sangue, se faz Palavra para nos orientar, indicar o caminho do retorno à comunidade de fé, abre nossos olhos para enxergarmos o mundo onde vivemos. Se conseguirmos ver o mundo com os olhos de Jesus, vamos entender melhor os acontecimentos que nos rodeiam, seremos, realmente, continuadores da missão que ele mesmo recebeu do Pai.

323. É este Jesus que apaixonadamente buscamos experimentar, imitar, seguir, compreender e vivenciar sua mensagem de esperança na nossa Igreja. Apresentemos Aquele, que celebramos e O recebemos na fé, vivo no meio de nós. Aprendamos da sua aparição em Emaús: “Jesus caminha com os dois discípulos que não entenderam o significado do que aconteceu

e estão se afastando de Jerusalém e da comunidade. Para estar em sua companhia, percorre o caminho com eles. Os interroga e os dispõe-se, ama paciente, escuta sua versão dos fatos para ajudá-los a reconhecer o que estão vivendo”.<sup>47</sup>

324. Fortalecidos pelo Espírito Santo que impulsionou os primeiros discípulos a enfrentarem todos os obstáculos e a romperem com o tradicionalismo judaico, não tenhamos medo de ser ousados. Afinal, Cristo está conosco!

325. A criatividade evangélica pede de nós decisões estratégicas e ousadas a exemplo dos Apóstolos que testemunham a fé com entrega total, coragem, desprendimento, simplicidade, convicção e obediência, na certeza de que Cristo operava através deles.

326. Sozinhos não sabemos para aonde vamos. Com Deus sabemos o que devemos fazer, com Jesus temos o Caminho a percorrer e com o Espírito Santo temos a força impulsionadora para missão de transformar o mundo através do Evangelho.

327. Nesta missão também somos chamados a restabelecer a fraternidade universal, promovendo a solidariedade, o cuidado com toda a criação:

---

47 FRANCISCO, *Christus Vivit*, 237.

testemunhemos a fraternidade universal a partir do mandato do Senhor “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12); promovamos o cuidado de toda criação cuidando do mundo como se fosse um grande jardim que Deus nos confiou (cf. Gn 1,28-31).

328. No meio de tudo isso não nos poderemos esquecer dela, nossa grande intercessora, a Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, a padroeira da Arquidiocese de Maringá: Nossa Senhora da Glória. Ela cuida de nós aqui na terra com amor de mãe, intercede por nós no céu. A ela confiamos nossa ação evangelizadora:

“À Mãe do Evangelho vivente, pedimos a sua intercessão a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial. Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé, e a sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja”.<sup>48</sup>

329. A verdadeira devoção mariana sustentada pela força do Espírito Santo, torna-nos obedientes que disse “fiat” (faça-se) aos planos de Deus, disponíveis que se tornou a mãe do Filho ao Único de Deus, fortes ao acolher o Filho morto em seus braços, confiantes

---

48 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 287.

que aguardou com os apóstolos a ressurreição de Jesus Cristo, orantes, esperou com os apóstolos o envio do Espírito Santo, em Pentecostes.

330. Maria esteve junto aos apóstolos nesta maravilhosa experiência do discipulado de Jesus Cristo que deu origem à Igreja. E, como Igreja que nós, hoje, seguimos Jesus Cristo, anunciamos o evangelho na esperança de que um dia, com todas as pessoas de boa vontade, participaremos do Reino definitivo.

331. A Igreja convoca-nos a caminhar juntos, na sinodalidade. Não nos esqueçamos dessa palavra! Aprendamos cada dia a crescer na fé e no compromisso de transformar as relações humanas à luz do Evangelho anunciado por Jesus Cristo. Ele nos alimenta, fortalece a cada dia com seu Corpo e seu Sangue, a Eucaristia, que pede de nós um gesto concreto de caridade, para a transformação do mundo.

332. Da mesma forma como aceitamos, celebramos e vivenciamos juntos os mistérios da nossa fé, vamos planejar, organizar e acontecer juntos a evangelização em nossa querida Arquidiocese. Conto com a fé, a boa vontade, a alegria, a intensa entrega dos batizados da Arquidiocese de Maringá.

333. Deus nos abençoe, o Espírito Santo nos ilumine, para juntos colocarmos em prática tudo o que

Jesus nos ensinou, cumprir a missão para qual ele nos enviou: fazer discípulos seus e renovar a face da terra.

Dom Frei Severino Clasen, OFM  
*Arcebispo de Maringá*

Festa de Nossa Senhora da Glória,  
Padroeira da Arquidiocese de Maringá  
15 de agosto de 2021

# BIBLIOGRAFIA

- AMORIS LAETITIA. **Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco sobre o amor na família**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- **Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade**. Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5, 13-14). **Documento 105**. CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2016.
- **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais**. Brasília: CNBB, 2007.
- **Concílio Ecumênico Vaticano II**. Constitutio dogmatica de ecclesia Lumen Gentium, AAS 57 (1965).
- Constituição Gaudium et Spes. In.: **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.
- CRISTO VIVE = CHRISTUS VIVIT. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Santo Padre Francisco**. trad. Maria do Rosário de Castro Pernas. Lisboa: Paulus, 2019.
- Decreto Ad Gentes. In.: **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.
- Decreto Apostolicam Actuositatem. In.: **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.
- Decreto Christus Dominus. In.: **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.
- FRANCISCO. **Evangelii gaudium**: a alegria do Evangelho: exortação apostólica do Sumo Pontífice Francisco. Lisboa: Paulus, 2019.
- FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet**. Disponível em: <<https://www.cnlb.org.br/?p=1502>>. Acesso em: 19 mar. 2016.
- FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco na comemoração do cinquentenário da instituição do Sinodo dos Bispos**. Disponível em: <<https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2021-06/por-023/por-uma-igreja-sinodal-comunhao-participacao-br-e-missao.html>>. Acesso em: 09 jun. 20
- FRANCISCO. **Fratelli tutti**: carta encíclica do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. - Braga: Editorial A.O. - Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2020.
- JOÃO PAULO II. **Familiaris Consortio. Exortação Apostólica pós sinodal sobre a missão da família cristã no mundo de hoje, 1981**. 18ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- JOÃO PAULO II. **Carta de Los Derechos de La Familia, 1983**. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/family/documents/rc\\_pe\\_family\\_doc\\_19831022\\_family-rights\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pe_family_doc_19831022_family-rights_sp.html)> Acesso em: 08 de nov. 2015.
- JOÃO PAULO II. **Carta às Famílias**. 1994. Ed. São Paulo: Paulinas 1994.
- JOÃO PAULO II. **Laborem exercens**. 1981. p. 577-647. Acta Apostolicae Sedis LXXIII.
- FRANCISCO. **Louvido sejas: carta encíclica laudato si' do Santo padre Francisco**: sobre o cuidado da casa comum / Papa Francisco. Prior Velho: Paulinas, 2015.
- ROBLES, Orivaldo. **A Igreja que brotou da mata**, Maringá: Dental Press, 2007. p. 161.
- SPADARO, Antonio. Entrevista exclusiva do Papa Francisco. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.



ISBN 978-65-87030-39-5 (impresso)

ISBN 978-65-87030-40-1 (e-book)

Copyright © 2021 para Dom  
Severino Clasen, OFM

2.ed.

Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução, mesmo  
parcial, por qualquer processo  
mecânico, eletrônico, reprográfico  
etc., sem a autorização, por  
escrito, do autor. Todos os  
direitos reservados desta segunda  
edição 2021 para o autor.

Texto revisado segundo o novo  
Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa

Capa  
Diácono Anselmo José Frugerio

Revisão  
Cônego Benedito Vieira Telles

Diagramação  
Carlos Alexandre Venancio

Produção Editorial  
Sinergia Casa Editorial

Impressão  
Gráfica Massoni